

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

MARIA DE LOURDES LIMA NUNES

AS FIGURAS DE LINGUAGEM NO PROCESSO  
DE CONSTITUIÇÃO DO TEXTO EM *O SERMÃO DO MONTE*

São Paulo  
2011

MARIA DE LOURDES LIMA NUNES

**AS FIGURAS DE LINGUAGEM NO PROCESSO  
DE CONSTITUIÇÃO DO TEXTO EM *O SERMÃO DO MONTE***

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisa Guimarães Pinto

São Paulo  
2011

N972f Nunes, Maria de Lourdes Lima.

As figuras de linguagem no processo de constituição do texto em o sermão do monte / Maria de Lourdes Lima Nunes.

110 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

Bibliografia: f. 89-94

1. Figuras de linguagem. 2. Retórica. 3. Análise do discurso. 4. Linguística textual I. Título.

CDD 401.41

MARIA DE LOURDES LIMA NUNES

**AS FIGURAS DE LINGUAGEM NO PROCESSO  
DE CONSTITUIÇÃO DO TEXTO EM *O SERMÃO DO MONTE***

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre  
em Letras.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª Elisa Guimarães Pinto – Orientadora  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Profª Drª Elaine Cristina P. dos Santos  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Sandro Luis da Silva  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Universidade Nove de Julho

Ao meu esposo, Juvenal Nunes Junior,  
pelo apoio e incentivo constantes; aos  
meus filhos, Daniel e Victoria, pela  
compreensão e encorajamento.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Autor da minha vida, que é real para mim, minha gratidão maior.

À Dra. Elisa Guimarães, minha profunda gratidão, por ter sido orientadora persistente e amiga, que, com muita paciência, constante acompanhamento e incentivo, me aceitou, a despeito das minhas limitações, e que, com sabedoria, ajudou na finalização deste trabalho.

Aos professores Dr<sup>a</sup> Elaine Cristina P. dos Santos e Dr. Sandro Luis da Silva, que, com suas observações, nos ajudaram a aperfeiçoar nossa pesquisa.

Ao professor Sidnei de Azevedo, que demonstrou interesse e apoio, acreditando no meu potencial para o ensino.

Aos meus ex-professores e ex-professoras que fizeram parte da construção do meu repertório de conhecimento, que hoje coloco à disposição dos que procuram se aprimorar.

Aos meus alunos, pela confiança e incentivo em todo tempo.

Aos funcionários da Secretaria da Pós-Graduação Mackenzie, pela disponibilidade, presteza e amizade.

Aos meus colegas de jornada, que são inspiração para minha vida.

All my life I've looked at words as though I  
were seeing them for the first time.

(Ernest Hemingway)

Toda a minha vida olhei para as palavras  
como se estivesse a ver pela primeira vez.

(Ernest Hemingway)

## RESUMO

Muitos estudos têm sido empreendidos com objetivo de desenvolver teorias no campo da análise de textos. Pela diversidade de métodos de estudos e pela grande variedade de sentidos que podem resultar de tais estudos, torna-se necessária a aplicação desses procedimentos para avaliação de sua eficácia na prática. Neste trabalho é estudado, com base em teorias da Análise do Discurso e da Linguística Textual, o efeito de sentido da linguagem figurativa em texto traduzido em três versões que pretendem alcançar diferentes destinatários. O texto escolhido é *O Sermão do Monte*, descrito na Bíblia, no trecho do evangelho de Mateus, capítulos 5 a 7. O exame do texto compreende a identificação dos termos de sentido figurativo e sua relação com os demais elementos da construção frasal, seguido da aplicação das teorias discursivas para constatação das possibilidades de sentido e seu efeito como figura de retórica.

Palavras-chave: figura, linguagem, retórica.



## ABSTRACT

Many studies have been undertaken in order to develop theories in the field of text analysis. For the diversity of study methods and the great variety of meanings that may result from such studies, it is necessary to apply these procedures to assess its effectiveness in practice. This work is studied, based on theories of discourse analysis and text linguistics, the effect of a sense of figurative language in the translated text in three versions that aim to reach different audiences. The text chosen is *The Sermon on the Mount*, in the Bible, the passage of the Gospel of Matthew, chapters 5-7. The examination of the text include the identification of the terms of the figurative meaning and its relation to other elements of phrasal construction, followed by application of the theories of the discursive possibilities for finding meaning and purpose as a form of rhetoric.

Keywords: figure, language, rhetoric.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 O Discurso Religioso como um dos aspectos da linguagem</b> .....	17
1.1 Uma visão geral de discurso .....	17
1.2 A linguagem no processo discursivo .....	22
1.3 O discurso religioso como resultado de interação social .....	24
1.4 Identificação do <i>corpus</i> como discurso religioso e sua interpretabilidade .	29
<b>2 A linguagem figurada em suas performances</b> .....	33
2.1 Percepção estilística da linguagem figurada .....	33
2.2 Figura em sua forma de organização .....	38
2.3 Sobre a interpretação de figuras de linguagem na Bíblia .....	40
<b>3 A Retórica na estruturação do texto</b> .....	45
3.1 A linguagem para persuasão: origem e efeitos .....	45
3.2 A Retórica na construção de sentido .....	51
<b>4 Configurações do <i>corpus</i></b> .....	56
4.1 A Retórica em <i>O Sermão do Monte</i> .....	56
4.2 Breve histórico das traduções do texto bíblico .....	59
4.3 De um texto para um novo texto .....	65
<b>5 Leituras multifacetadas de um conteúdo</b> .....	70
5.1 Figuras e aspectos figurativos .....	70
5.2 A metáfora da influência .....	77
5.3 Paralelismo de antíteses .....	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	89
<b>ANEXO A - TEXTOS DAS VERSÕES UTILIZADAS NA PESQUISA</b> .....	95

## INTRODUÇÃO

A proposta de trabalhar a Análise do Discurso e a Linguística Textual já vem atravessando décadas, o que tem permitido uma visão mais apurada do sentido do texto a partir das codificações textuais. Ainda assim, é importante desenvolver pesquisas que visem a facilitar a compreensão das diferentes práticas discursivas com vistas a dar uma direção no processo de decodificação de textos a partir das linhas do discurso.<sup>1</sup>

A produção de texto faz parte do processo comunicativo, e todo aquele que se propõe a produzir ou interpretar um texto certamente deverá considerar as particularidades do desenvolvimento desse tipo de comunicação, tanto no que diz respeito à organização do pensamento como à produção de sentido, para que o resultado seja a compreensão. A produção e a interpretação exigem a compreensão do encadeamento de seus elementos, levando em conta a relação estabelecida entre eles, o que torna complexa a estrutura. Face a isso, fazem-se necessárias pesquisas que conduzam a um desvendar dos mecanismos de estruturação. Especialmente quando se trata de analisar um texto que visa a produzir um ensinamento, nesse caso o *Sermão do Monte*, é mais produtivo partir do geral para o específico<sup>2</sup> para que seja possível delimitar as relações entre o sujeito enunciador, enunciado e enunciação.

O foco desta pesquisa é avaliar, por meio de análise sistemática, utilizando como embasamento teórico pressupostos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, o papel da figura de linguagem no processo de constituição do texto, especialmente quando em reescrita que busque privilegiar fidelidade ao texto original ou leitor familiarizado com textos de abordagem popular. Para isso, foi selecionado o texto *Sermão do Monte*, contido na Bíblia. A riqueza figurativa desse texto permite expor o funcionamento das figuras quando em confronto com as linhas discursivas. Nesta

---

<sup>1</sup> GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009. pp. 7, 8.

<sup>2</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. Trad. João Bentes. 7. Ed. São José dos Campos: Fiel, 2009.

pesquisa, tomaremos como base três versões de traduções bíblicas que privilegiam ora o texto original, ora o leitor da atualidade.

Muitos estudos têm sido feitos no sentido de interpretar o texto em questão, entretanto, não é comum encontrar resultados de pesquisas que avaliem o *Sermão do Monte* comparando diferentes versões de tradução, muito menos que especifiquem o papel de determinados elementos que constituem em si mesmos um enriquecimento de sentido pela conotação.

A proposta desta pesquisa abrange os seguintes objetivos:

1. Identificar expressões de sentido figurativo dentro do texto selecionado;
2. Verificar o sentido dessas expressões na estrutura de cada uma das três versões escolhidas, de acordo com a fundamentação teórica;
3. Levantar dados que promovam uma reflexão sobre o resultado do processo de compreensão de textos;
4. Estimular novos pesquisadores para a investigação na área de ensino de Língua Portuguesa com vistas à interpretação de textos.

Levantamos elementos que respondem aos questionamentos “dizer alguma coisa de formas diferentes entre si é dizer a mesma coisa?” e “que papel as figuras de linguagem exercem, ou, mais amplamente, a linguagem figurada, na compreensão de um texto?”. Considerando que o domínio dos elementos que constituem o texto é de suma importância para produzir sentido, nos perguntamos o quanto o uso desses elementos pode interferir no produto final do processo de elaboração de um texto e se a figura de linguagem mantém sua riqueza expressiva quando submetida a mudanças de seus termos constitutivos.

Toma-se a noção de texto como “um processo que se perfaz 'numa totalidade integrada por uma unidade temática, um formato e cuja significação se alcança mediante a relação entre seus constituintes e seu contexto de produção’” (VAN DIJK, apud GUIMARÃES, 2009, p. 12). Partindo desse conceito, o estudo pormenorizado do material compreende o plano do significado em sua interpretabilidade no plano lógico, considerando a adequação às circunstâncias e às condições de uso da língua.

A escolha do corpus deve-se primeiramente ao fato de ser o *Sermão do Monte* de grande riqueza literária, conservado ao longo de milhares de anos em contextos diferentes e passível de interpretação para aplicação em grupos em que o discurso religioso se constrói a partir da interação social. Uma vez escolhido o trecho do evangelho segundo Mateus, do capítulo 5 ao 7, resolvemos fazer uma comparação de algumas versões para enriquecimento dos resultados no que diz respeito à interpretação de um conteúdo textual quando submetido a uma reformulação dos seus elementos, fazendo um novo arranjo para favorecer o texto de origem, o leitor, ou, ainda, o texto original sem esquecer o leitor. As versões que contemplam esse esquema e que se constituem objeto de análise são: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada<sup>3</sup>, Nova Tradução na Linguagem de Hoje<sup>4</sup> e Nova Versão Internacional<sup>5</sup>.

As versões dos textos bíblicos nem sempre têm pretensão de ser uma tradução nova, tendo em vista que utilizam uma tradução consagrada, fazendo ligeiras modificações no texto ou apenas acrescentando notas explicativas de textos que apresentam maior complexidade para compreensão. As versões que utilizamos nesta pesquisa representam o esforço de tradutores que se valeram de textos traduzidos do original para outros idiomas, que não o português, com consultas aos textos originais. Analisar os aspectos textuais a partir dos fatores de interferência produzidos por um trabalho de tradução pode ser uma das questões a ser levantada a partir de nossas considerações. Textos traduzidos apresentam matéria a ser examinada considerando fatores que lhes são intrínsecos, e desse exame podem

---

<sup>3</sup> Da Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>4</sup> Da Sociedade Bíblica do Brasil.

<sup>5</sup> Da Editora Vida.

surgir novas e instigantes questões. É bem pertinente o que diz Venuti sobre o resultado do esforço de traduzir um texto:

[...] nenhum agente de uma tradução pode ter a esperança de prever cada uma de suas conseqüências, os usos que venham a ser feitos dela, os interesses que venham a servir, os valores que venha a transmitir. Entretanto são essas condições e conseqüências que oferecem as razões mais instigantes para a discriminação entre os interesses envolvidos no processo tradutório e na leitura de traduções. (2002: p. 14)

A metodologia empregada no desenvolvimento da proposta contempla o estudo cuidadoso da base teórica apresentada pela Análise do Discurso para situar a pesquisa no Discurso Religioso, seguindo da conceituação da linguagem figurada, uma abordagem a respeito da retórica, uma vez que o texto contempla o propósito de convencer o leitor a aceitar sua veracidade e aplicabilidade, partindo, então, para a especificação do texto a ser analisado, com vistas em seu contexto linguístico/histórico.

Nesta dissertação, analisamos a linguagem figurada a partir da observação de impertinência do signo, considerando seu contexto verbal e seu aspecto discursivo. Não optamos por uma relação aprofundada por questões de tempo, dada a complexidade do assunto. Entendemos que a continuidade da pesquisa proporcionará material para observação mais detalhada do corpus.

A análise do texto escolhido é baseada em teorias dos autores que são mencionados e citados na fundamentação teórica. Quanto ao aspecto linguístico, optamos com especial interesse, as ideias de Patrick Charaudeau (Linguagem e Discurso: modos de organização – 2009) e Elisa Guimarães (Texto, discurso e ensino – 2009), por entendermos que combinam de forma harmoniosa com o que pensamos. Sobre o aspecto do Discurso Religioso, adotamos as teorias de Émile Durkheim (Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália – 1989), por julgar de especial importância na visão religiosa em seu aspecto social. Para a parte da retórica, adotamos todos os autores mencionados, com consulta aos

textos durante o percurso da análise, uma vez que fazemos uma análise em que o texto fornece os elementos para as considerações.

Com base no levantamento de dados teóricos nos campos assinalados no parágrafo anterior, realiza-se a análise dos textos com arrolamento das comparações e conclusões aferidas. Para isso, este texto está desenvolvido em cinco capítulos:

Capítulo 1 – *O Discurso Religioso como um dos aspectos da linguagem* – Este capítulo parte do conceito geral de comunicação para a especificidade do discurso como significação implícita entre a fala e a língua e, então, o uso do discurso religioso como resultado de interação social. Partimos de alguns aspectos históricos a respeito dos elementos que compõem a interpretação textual para a estruturação de elementos que ampliaram, tomando o discurso religioso como processo de estruturação de sentido de texto dentro de um contexto social.

Capítulo 2 – *A linguagem figurada em suas performances* – O capítulo apresenta a conceituação de figuras de linguagem dentro do aspecto estilístico do texto, bem como os elementos que contribuem para os efeitos produzidos no sentido. Aborda o valor polissêmico da linguagem figurada, considerando a complexidade que pode estar presente, especialmente em texto de cunho religioso, como o que estamos analisando.

Capítulo 3 – *A Retórica na estruturação do texto* – Neste capítulo, o conceito de retórica é apresentado como forma de situar sua importância dentro do discurso e persuasão. Faz-se uma explanação sobre as funções retóricas e da construção de sentido para posterior aplicação ao texto em estudo.

Capítulo 4 – *Configurações do corpus* – Capítulo dedicado a apresentar alguns aspectos da linguagem figurada presentes no *Sermão do Monte* e informações que consideramos relevantes sobre as traduções bíblicas escolhidas para a leitura comparativa.

5. *Leituras multifacetadas de um conteúdo* – Este capítulo trata especificamente da análise do texto, partindo de uma visão geral e contextualização. A linguagem figurada é destacada de cada versão e comparada em função da produção de sentido, conforme a base teórica da Linguística Textual. Para efeito de compreensão, optamos por apresentar os resultados de nossa análise destacando as figuras<sup>6</sup> que aparecem no texto, na medida do possível, na ordem em que aparecem. Também procuramos contemplar alguns termos que produzem um efeito figurativo, ainda que não estejam categorizados, por entendermos que o texto fornecerá o paradigma do signo conforme seu momento discursivo.

Por fim, algumas considerações serão apresentadas no sentido de levantar outras questões que possam dar continuidade às pesquisas em torno do tema, utilizando os resultados obtidos como ponto de partida.

Retomando o percurso desta pesquisa, o capítulo inicial, que trata do Discurso Religioso, é visto especificamente como um aspecto da linguagem, abrindo caminho para a compreensão da abordagem do texto em questão.

---

<sup>6</sup> A prioridade da análise é a verificação do aspecto figurativo e não simplesmente a nomeação da figura. Prender-se inteiramente à nomenclatura causaria alguns conflitos, considerando que os autores nem sempre mantêm uma linha rígida de classificação, além da dificuldade em categorizar algumas que, embora figurativas, não contemplam um nome específico. Escolher um autor poderia restringir a observação do texto. Entendemos que o texto deve ser tomado como um todo, evitando o risco de fragmentação que afetaria a busca do sentido.



## **1 O Discurso Religioso como um dos aspectos da linguagem**

### **1.1 Uma visão geral de discurso**

A comunicação não apenas se constitui em um dos fatores de maior relevância para a humanidade como também é geradora da evolução que leva a humanidade a desenvolver novas e melhores formas de interagir socialmente. A linguagem<sup>7</sup>, por ser dinâmica, evolui constantemente; sendo assim, é importante a investigação contínua no sentido de estabelecer os mecanismos que promoverão seu próprio desenvolvimento. Dessas investigações, surgem, ao longo da história, formulações diferenciadas, não para desvalorizar o que foi dito antes, e, sim, para complementar as perguntas que vão sendo deixadas a cada apresentação de resultados dessas investigações. Na construção do sentido, a linguagem se reestrutura dando lugar a novas concepções que refletem a evolução do ponto de vista sócio-histórico.

Por muito tempo, nas escolas, o conceito de comunicação apresentado era baseado exclusivamente no esquema criado por Jakobson, em que o emissor transmitia uma mensagem por meio de um determinado código e essa mensagem era decodificada pelo receptor. Para melhor compreensão do aluno, apresentava-se um plano rígido em que a mensagem era o centro da ação no contato comunicativo entre emissor e receptor, e essa mensagem era abordada contemplando o código e o contexto.

Nesse plano, algumas perguntas ficavam sem resposta: O fato de reconhecer o código permitiria ao receptor compreender o conteúdo da mensagem de forma integral? Esse receptor não exerceria nenhuma interferência no processo de interpretação da mensagem? Ao se tratar de um texto escrito, que elementos o receptor disporia para interpretação da mensagem? Essas e outras perguntas não estavam configuradas no plano apresentado ao aluno, que deveria aprender como

---

<sup>7</sup> Sobre linguagem, Ceia diz que ela pertence a diferentes domínios, não se deixando classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, por não ser possível inferir sua unidade. E acrescenta que para compreender a natureza da linguagem é preciso atender à finalidade essencial de possibilitar a comunicação entre as pessoas. (Carlos Ceia – versão online, 2005).

apreender o máximo do sentido do texto que estivesse em suas mãos para interpretar. O aluno deveria aprender a ler<sup>8</sup> para construir o sentido e não apenas ter a capacidade de decodificar as letras. Porém, a despeito dos esforços no sentido de desenvolver a capacidade de compreensão, o Brasil ainda apresenta altos índices de analfabetismo funcional, segundo o INAF<sup>9</sup>.

Em Saussure, a Linguística expande-se para uma diferenciação de língua e fala, mas, por priorizar a comunicação de forma sistemática, há uma supervalorização do estudo da língua em detrimento do papel da fala na expressão da língua. Outras questões vêm à tona: Que papel exerce a fala nas manifestações da língua? Que elementos devem ser procurados em um texto que façam a intermediação entre língua e fala? E mais questões poderiam ser levantadas nesse processo de investigação do sentido do texto.

Ainda na procura da compreensão de como se dá a comunicação nas diversas manifestações da linguagem, muitos estudiosos contribuíram significativamente, como foi o caso dos formalistas russos que ampliaram a visão em estudos linguísticos de forma a chegarmos ao que chamamos *discurso*<sup>10</sup>. Sobre discurso, a variedade de pesquisas conduz a uma enorme gama de pressupostos que têm contribuído para melhor compreensão do que buscar e como buscar o sentido do texto no processo da comunicação com vistas nas diversas expressões da linguagem.

A percepção de discurso no processo de interpretação é feita a partir da definição de comunicação. Charaudeau define comunicar como “um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo **sujeito falante** (o locutor, ao falar ou escrever) em relação com um outro parceiro (o interlocutor).” (2009, p. 67). Para que haja comunicação, ele identifica alguns dispositivos que atuam nesse processo:

---

<sup>8</sup> Percorrer com a vista (texto, sintagma, palavra), interpretando-o por uma relação estabelecida entre as seqüências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os sinais lingüísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais) – (Houaiss – versão online, 2010).

<sup>9</sup> Indicador de alfabetismo funcional - [http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio\\_inaf\\_2009.pdf](http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio_inaf_2009.pdf).

<sup>10</sup> “Operando com o texto e nele buscando uma lógica de encadeamentos ‘transfrásticos’, superam a abordagem filológica ou impressionista que até então dominava os estudos da língua.” (Brandão, 2004 : 13)

Situação de comunicação – enquadre *físico* e *mental*, em que se acham os participantes do ato linguístico, dentro de uma *identidade* (psicológica e social) e unidos por um *contrato de comunicação*;

Modos de organização do discurso – que vão compor os *princípios de organização* da matéria linguística e que dependem da finalidade comunicativa do sujeito enunciador: enunciar, descrever, contar, argumentar<sup>11</sup>;

Língua – parte principal do material relativo à comunicação linguística que tem *forma* e *sentido*;

Texto – é o resultado concreto da comunicação e que resulta de escolhas conscientes ou inconscientes feitas pelo sujeito que fala.

Assim, a comunicação não é algo tão simples; ao contrário, reflete a complexidade que está presente nos sujeitos que exercem ação mútua, lidando com a linguagem no plano do pensamento, uma vez que pensamento e linguagem caminham juntos. O resultado dessa correspondência entre linguagem e pensamento é uma performance que dá margem a uma interpretação. Isso se processa dentro de um contexto e uma situação, em que o contexto se desdobra em linguístico<sup>12</sup>, que pode variar em dimensão, e discursivo<sup>13</sup>, que trazem à tona os atos de linguagem que foram produzidos anteriormente e que facilitam a compreensão do ato linguístico do momento. A situação refere-se à parte física e social em que ocorre a comunicação. É na situação que estão localizados alguns componentes. São eles: características físicas<sup>14</sup>; características identitárias dos parceiros<sup>15</sup>; características contratuais<sup>16</sup>. (Charaudeau, 2009, p. 67-70)

---

<sup>11</sup> Destacamos essa forma de organização do discurso, porque nossa análise contempla um texto cuja organização se insere nesse modo de organização.

<sup>12</sup> Trata-se das palavras em proximidade e sequência.

<sup>13</sup> Trata-se do texto em sua totalidade, que tem a frase ou palavra analisada.

<sup>14</sup> Aspectos relacionados aos parceiros e ao canal de transmissão.

<sup>15</sup> De cunho social, psicológico e relacional.

<sup>16</sup> Se há interação entre as partes ou não, de que forma é feita a abordagem e que papel exerce cada participante.

De posse dessa visão de comunicação, é possível depreender que a interpretação de um texto, de acordo com a situação em que foi elaborado, deve levar em consideração a maneira de inserção do discurso. Assim, seguindo a concepção que tomamos para discurso, inferimos o seguinte:

[...] o **discurso** – ponto de articulação dos fenômenos linguísticos e dos processos ideológicos – como um conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e questionáveis em outro. [...] Para se encontrar sua regularidade não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção – fato do qual decorre a necessidade de ser objeto de sua análise a língua em uso. (GUIMARÃES, 2009, p. 90)

Ainda seguindo essa linha de pensamento:

O locutor<sup>17</sup> não constrói seu discurso divorciado da imagem que convoca do seu alocutário<sup>18</sup>. Todo discurso não somente modela seu discurso, mas também dá corpo à imagem do outro a quem o discurso se destina e, além disso, configura-se a si mesmo ao plasmar sua própria imagem no interior do discurso que produz. (GUIMARÃES, 2009, p. 91)

Depreendemos daí a importância de pensar a interpretação quando a comunicação é destinada a um número maior de alocutários. A produção de sentido não acontece ao acaso, mas condicionada a fatores planejados, como explicita a seguinte citação:

Dado que o locutor constrói o seu discurso não divorciado do seu alocutário, pode-se concluir sobre a possibilidade de um discurso ser dirigido a uma diversidade de destinatários – fato do qual deflui ‘um efeito de poliaudição ou polidestinação, ou seja, a capacidade que tem um discurso, quando estrategicamente construído, de encontrar destinatários múltiplos. (FONSECA, J., 1992: 327 apud GUIMARÃES, 2009, p. 92)

---

<sup>17</sup> O falante. (Houaiss - versão online, 2010).

<sup>18</sup> Falante capaz de emitir ou receber mensagens. (Houaiss -versão online, 2010).

A essa relação da produção com a interpretação, Charaudeau chama de *Circunstâncias de Discurso*, em que considera a seguinte equação:

Produção/interpretação = *Circunstâncias de Discurso* (C de D)

Ato de linguagem (A de L)

A de L = [Explícito x Implícito] C de D (2009, p. 27)

Também em Charaudeau vamos encontrar a visão da relação de *Circunstâncias de Discurso* como influência interativa entre os participantes do momento expressivo da linguagem como prática social, uma vez que são sujeitos coletivos<sup>19</sup>.

Perceber a natureza do discurso na interpretação de um texto é fundamental, ainda que aquele privilegie a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua, porque o próprio texto se encarregará de fornecer esse aspecto formal e estrutural. Ainda assim, texto e discurso caminham juntos, cada um fornecendo elementos de composição para a formação do sentido, e no procedimento da interpretação “[...] é preciso apreender o nível profundo de estruturação do texto, que está na mensagem transmitida pelo discurso.” (GUIMARÃES, 2009, p. 93)

E, para alcançar um nível de compreensão mais elevado, faz-se necessário que haja distinção das marcas deixadas pelo discurso. Segundo Guimarães,

O nível discursivo reúne, assim, dois tipos de traços:

- uns pertencentes ao sistema lingüístico, dentre os quais distinguem-se, de um lado, as formas ‘vazias’ de que o sujeito dispõe para expressar o *eu – aqui – agora* de sua alocação; por outro lado, as formas ‘plenas’ do conjunto de modalizadores – *crer, dever, poder, talvez, é necessário* etc. – que manifestam uma atitude perante aquilo que se diz e têm uma função reflexiva sobre o enunciado.
- outros provenientes dos distintos tipos discursivos que a fala vai configurando e compreendem o conjunto de princípios, tipos, estruturas em constante transformação e interdefinição, que as diversas práticas discursivas vão gerando. Assim, há princípios, tipos e estruturas que caracterizam e definem, em um momento determinado, aquilo que uma

<sup>19</sup> Sobre esse aspecto, trataremos no item 1.3 *O discurso religioso como resultado de interação social*.

cultura reconhece, por exemplo, como 'discurso literário' ou como 'discurso histórico'. (2009, p. 87, 88)

Considerando, então, o “[...] **discurso** como um lugar de intermediação entre a língua e a fala” (GUIMARÃES, 2009, p. 87), partimos do discurso para a visão de linguagem a fim de compreender como a linguagem se manifesta dentro do processo discursivo, que é um olhar de volta para o que vimos até aqui.

## 1.2 A linguagem no processo discursivo

Vimos, no item anterior, como o desenvolvimento de pesquisas na área de textos nos permitiu avançar do estágio de uma comunicação que considera a linguagem como um objeto transparente, em que seus elementos esgotam sua significação em si mesmos, para um estágio em que o explícito vem acompanhado de um implícito repleto de significado. Essa busca do sentido implícito é bem explorada nos percursos da Análise do Discurso. Importante é entender que o discurso tem seu ponto forte na prática da linguagem, como verificamos na definição de Guimarães a respeito de *discurso*<sup>20</sup>. Não é possível considerar a linguagem sem considerar que há uma trajetória histórica em que as pessoas trocam informações e experiências e, por meio dessa troca, reconstróem a comunicação no sentido explícito e, conseqüentemente, no sentido implícito de seus textos – e, aqui, entenda-se texto por toda e qualquer manifestação de linguagem.

Charaudeau diz: “ A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem.” (2009, p. 7). Esse poder que a linguagem representa é construído por aqueles que dela fazem uso e que modelam a partir da interação com o outro em seus contatos no decorrer da história dos povos. Exatamente por isso, somos levados a considerar que a linguagem não é algo simples que se resolve com o manejar de uma

---

<sup>20</sup> Item 1.1 *Uma visão geral de discurso* - “[...] **discurso** como um lugar de intermediação entre a língua e a fala” (Guimarães, 2009: 87).

gramática e de um dicionário. Lidar com a linguagem é lidar com diversas imagens de mundo. Desse modo, para Charaudeau:

A linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um 'savoir-faire'<sup>21</sup>, o que é chamado de *competência*. Uma *competência situacional*, pois não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação. Isso nos obriga a levar em consideração a *finalidade* de cada situação e a *identidade* daqueles (locutores e interlocutores) que se acham implicados e efetuam trocas entre si. Uma *competência semiolinguística*<sup>22</sup> que consiste em saber organizar a encenação do ato de linguagem de acordo com determinadas visadas (enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa), recorrendo às categorias que cada língua oferece. Enfim, a *competência semântica* que consiste em saber construir sentido com a ajuda de formas verbais (gramaticais ou lexicais), recorrendo aos saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade, levando em conta os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso. (2009, p. 7)

Não é tão simples reconstruir todo o potencial discursivo de cada ato de linguagem, e nesse sentido a simbolização referencial procura formar constantes parciais que dão uma direção mais segura na interpretação. É necessário também observar o desencadear do ato de linguagem no método de análise. Em Charaudeau, vemos que o fenômeno da linguagem se constitui em duplo movimento, a saber:

Exocêntrico – movido por uma força centrífuga que obriga todo ato de linguagem (e, portanto, todo signo) a se significar em uma intertextualidade que é um jogo de interpelações realizado entre os signos, no âmbito de uma contextualização que ultrapassa – amplamente – seu contexto explícito. A esse movimento, corresponde a atividade serial que garante a produção da significação do discurso.

Endocêntrico – movido por uma força centrípeta que obriga o ato de linguagem (e, logo, os signos que o compõem) a ter significado, ao mesmo tempo, em um ato de designação da referência (no qual o signo se esgota em função da troca) e em um ato de simbolização; nesse ato o signo se instala dentro de uma rede de relações com outros signos (rede comandada pela atividade serial) e se constitui como valor de diferença. (2009, p. 27)

---

<sup>21</sup> Conhecimento de normas, métodos e procedimentos em atividades profissionais, esp. as que exigem formação técnica ou científica. (Houaiss - versão online, 2010).

Não é possível estabelecer o paradigma de um signo em um ato de linguagem sem se apropriar do momento discursivo, uma vez que, em cada ato de linguagem, a depender de sua totalidade discursiva, encontramos sentidos diferenciados determinados pela carga de sentido implícita. Um exemplo disso está na frase “A mina é quente.” Retirada do contexto, não sabemos o significado dos signos “mina” e “quente”. Se tomarmos como referência para sentido a cidade de São Paulo, SP, um grupo de adolescentes, conversando em um pátio de escola, entenderemos que “mina” é “menina” e “quente” é “sensual”. Há aí um acordo entre enunciador e enunciatário que permite estabelecer uma comunicação clara usando uma frase que, fora do contexto, gera dúvida. Por outro lado, se tomarmos como referência a cidade de Belo Horizonte, MG, um homem adulto, que trabalha com mineração, conversando com um grupo de pessoas a respeito das dificuldades de seu trabalho, entenderemos que por “mina” ele quer dizer “o local em que trabalha” e “quente” quer dizer “as condições climáticas do seu ambiente de trabalho”. Logo, percebemos que, em cada ocorrência, temos sentidos diferentes. O signo possui um valor mais ou menos estável, tem seu significado, mas, por si só, não valida a interpretação de sentido sem levar em consideração os demais fatores que estão implícitos no texto.

Verificamos que “[...] a significação é uma manifestação linguageira que combina signos em função de uma intertextualidade particular e que depende de *Circunstâncias de discurso* particulares.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 35). Podemos desse ponto entender que, para analisar o texto *Sermão do Monte*, necessitamos visualizá-lo no seu contexto, e o seu contexto é o do discurso religioso produzido dentro de relações sociais que favorecem sua construção de sentido.

### **1.3 O discurso religioso como resultado de interação social**

Não é raro pesquisadores, do discurso religioso, estudarem um dado segmento para dali extrair pressupostos que sirvam para a compreensão de outros fenômenos semelhantes; mas é fato que um fenômeno isolado pode não reproduzir todos os



aspectos de forma a estabelecer paradigmas. Para facilitar nossa compreensão, devemos entender, em primeira instância, o que se pressupõe pelo termo *religião*.

O Dicionário Houaiss apresenta o termo como substantivo feminino com os seguintes sentidos:

- culto prestado a uma divindade; crença na existência de um ente supremo como causa, fim ou lei universal
  - conjunto de dogmas e práticas próprias de uma confissão religiosa
  - a manifestação desse tipo de crença por meio de doutrinas e rituais próprios
  - crença, devoção, piedade
  - reverência às coisas sagradas
  - Derivação: sentido figurado.  
consciência escrupulosa; escrúpulos
  - coisa a que se vota respeito
  - qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica etc.
  - vida religiosa
- (versão online, 2010)

Quanto à etimologia, vem do “latim *religioso, ónis* 'culto religioso, práticas religiosas'; ver *religi-*; forma histórica do século XIII *religião*, século XIII *religion*, 1468 *religiam*.” (versão online, 2010).

Já em um dicionário português de Portugal, simplifica-se a definição para:

- Culto prestado à divindade.
  - Por ext. Doutrina ou crença religiosa.
  - Fig. O que é considerado como um dever sagrado.
  - Reverência, respeito.
  - Escrúpulo.
  - Comunidade religiosa que segue a regra do seu fundador ou reformador.
- Em *religião*: como religioso.  
*Religião do Estado*: aquela que o governo subvenciona. (Priberam, versão online, 2010)<sup>23</sup>

<sup>23</sup> "religião", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2010, <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave>[consultado em 13-11-2010].

Dessas definições, verificamos que o simples conhecimento do sentido do signo não reflete todo o potencial discursivo da religião enquanto manifestação social, porque o que está implícito nas crenças é manifestado pela linguagem, que, por sua vez, traz uma carga de sentido bastante complexa e que abrange fatores que não podem ser relegados ao esquecimento. Estudar as expressões religiosas buscando os fatores convergentes ainda parece ser o melhor caminho para entender mais, não se limitando a definir o vocábulo *religião*, e, sim, entendendo os diversos enunciados significativos que mostram formalmente a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas com os parceiros envolvidos nos atos de linguagem.

Segundo Durkheim<sup>24</sup>, as expressões religiosas<sup>25</sup> das mais simples às mais estranhas traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, quer individual, quer social, fazendo permanecer a marca das suas origens no fato religioso. Ele define religião como “*um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem.*” (1989: 79). Ainda segundo esse autor,

Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve, necessariamente, haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade de formas que umas e outras puderam assumir, apresentem, por toda parte, o mesmo significado objetivo e também, por toda parte, exerçam as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que existe de eterno e de humano na religião; formam o conteúdo objetivo da idéia que se exprime quando se fala da *religião* em geral. (1989, p. 33)

Para ele, “As representações religiosas são representações coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos.” (1989, p. 38). Para entender a reprodução desses estados mentais expressos seja em um ato ritual, seja em um texto confessional, retomamos a expressão utilizada

<sup>24</sup> Épinal, 15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917. É considerado um dos pais da sociologia moderna. Fundador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica.

<sup>25</sup> O estudo dos fenômenos religiosos tornou-se objeto central da análise durkheimiana.

por Charaudeau (2009, p. 31): *filtros construtores de sentido* – que são os meios pelos quais o texto pode ser interpretado.

Para chegarmos à compreensão de um texto que nos propomos a interpretar, nós “[...] filtramos no conjunto dos saberes possíveis [...] um subconjunto de saberes em função do que supomos ser o saber do enunciador.” Não esquecendo que “[...] o enunciador produziu seu texto a partir da hipótese de que os interpretantes podem partilhar com ele o mesmo saber comum [...]” (CHARAUDEAU, 2009, p. 30). Com esse fim, o fator determinante são as circunstâncias que delimitam o contrato de comunicação, e esse contrato de comunicação é de ordem sócio-institucional, como o autor mesmo ressalta. (2009, p. 61). Os sujeitos participantes dos atos linguísticos são “**os parceiros** [...], seres *sociais e psicológicos*, externos ao ato mas inscritos nele, e que são definidos por um certo número de *traços identitários* cuja pertinência depende do ato de comunicação considerado.” Sendo um desses parceiros o locutor-emissor, que é aquele por quem o ato de comunicação é produzido, o outro será aquele que irá interpretar o dito. Por outro lado, são também sujeitos da comunicação, “**os protagonistas** da enunciação, seres de *fala, internos* ao ato da linguagem, e que são definidos por papéis *linguageiros*.” (2009, p. 76). Esses sujeitos são construtores da história de um grupo em uma determinada época e local, como é afirmado em Guimarães: “O caráter histórico do discurso torna-se revelador das concepções de um grupo social numa determinada época.” (2009: 89).

Voltamos ao papel daquele que interpreta, percebendo que sua interpretação deve levar em consideração o saber daquele que produziu o texto, sobre sua visão em relação aos seus enunciados e sobre sua maneira de ver seu destinatário, uma vez que a interpretação sempre é permeada pela suposição de intenção. (CHARAUDEAU, 2009, p. 31). Considerando que o locutor-emissor produz o seu texto levando em consideração seu próprio saber e considerando o que supõe ser o saber daquele a quem se destina, aplicando isso ao discurso religioso, temos que levar em consideração os pilares constitutivos desse saber. Toda crença religiosa lida com os opostos bem/mal<sup>26</sup>, o que torna bem pertinente a constatação de que

---

<sup>26</sup> Os persas, entre 1700 e 1000 a.C. já apresentavam um dualismo: o mundo como uma constante luta entre o deus do bem (Mazda) e o deus do mal (Arimã). ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_Antiga)).

[...] o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas. (DURKHEIM, 1989, p. 72)

É dessa dualidade que se constituem os valores que são inseridos no comportamento e na produção de expressões religiosas. E esses valores propagam-se porque estão inseridos não apenas no sentido concreto de suas manifestações, também são estabelecidos na *esfera do ser*.<sup>27</sup> A linguagem é um dos meios para encontrar o sentido implícito de fenômenos sociais, porque, por meio dela, as concepções são manifestadas. Alguns grupos religiosos possuem suas próprias expressões que são usadas e identificadas pelos indivíduos que partilham o mesmo saber, como é o caso de: “*Valei-me, Nossa Senhora*”<sup>28</sup>; “*o sangue de Jesus tem poder*”<sup>29</sup>; “*sai de retro*”<sup>30</sup> etc. Reafirmando que “O discurso é, na verdade, um processo interacional entre sujeitos situados social e historicamente.” (GUIMARÃES, 2009, P. 93)

Não é possível pensar em religião, muito menos estudar o discurso religioso, desconsiderando a força de interação social que está presente em suas manifestações. A religião em si é um reflexo da sociedade real, porque, como esclarece Durkheim:

[...] todas as instituições sociais nasceram da religião. (até a economia é apontada nessa condição pela noção de poder, mesmo não tendo sido estudado ainda) [...] Se a religião gerou tudo o que existe de essencial na sociedade, é porque a idéia da sociedade é a alma da religião. (1989, p. 496)

<sup>27</sup> Guimarães, 2009, p. 115.

<sup>28</sup> Expressão utilizada, especialmente por cristãos católicos, para demonstrar devoção. Usada muitas vezes “Valei-me...” complementando com o nome do santo de sua devoção.

<sup>29</sup> Máxima usada por cristãos evangélicos por acreditarem na salvação advinda da morte e derramamento do sangue de Jesus.

<sup>30</sup> Uma menção ao texto bíblico cuja referência é Mateus 4:10.

A influência exercida pelo homem na sociedade tem sua origem na própria natureza humana, que procura o ideal, a perfeição, e estabelece uma atitude de transformação da realidade. Esse efeito de transformação parte do indivíduo, mas extrapola para seu meio, uma vez que o desejo de olhar em volta e ver algo melhor o desafia a interferir diretamente: “O homem não se reconhece, sente-se como que transformado e, por conseguinte, transforma o meio que o cerca.” (DURKHEIM, 1989, p. 499). O discurso religioso constitui-se desse ideal transformador no indivíduo pela própria exigência da vida coletiva. (p. 500). O indivíduo religioso estabelece sua vida sob a perspectiva da existência de algo acima da sua compreensão que pode modificar sua relação com o meio social, e é precisamente sua crença que estabelece seu contato com o outro no objetivo de transmitir sua visão, de maneira a agregar outros. Sobre essa ação de propagação do ideal religioso, o escritor francês afirma:

De fato, o homem que tem verdadeira fé sente invencivelmente a necessidade de difundi-la; para isso ele sai do seu isolamento, aproxima-se dos outros, procura convencê-los, e o ardor das convicções por ele suscitadas vem reforçar a sua. Ela rapidamente se extinguiria se permanecesse isolada. (1989, p. 503)

Como expressão de ideal, o *Sermão do Monte* constitui-se em um manifesto que representa o ideal cristão, e como tal, passamos a identificar alguns aspectos de sua constituição que o localiza no campo do discurso religioso, focalizando percursos de cunho interpretativo.

#### **1.4 Identificação do *corpus* como discurso religioso e sua interpretabilidade**

O número de comentários referentes ao *Sermão do Monte* é bem extenso, em sua maioria, na tentativa de fornecer leituras que ajudem a desenvolver o teor pragmático de suas orientações, porque é um texto que é considerado como a essência do ideal do Cristianismo. Nas palavras de um de seus comentaristas: “gera

sonhos de um mundo melhor.” (STOTT, 1981, p. 9). Seus ensinamentos são direcionados para um agir em sociedade de maneira a atingir um ideal de separação do mal pelo bem. Essa dualidade é apontada em definições de atitudes que representam o bem e de identificação de ações que representam o mal. É na relação com o outro que se definem esses opostos.

Não é um texto preparado para um grupo em uma época específica. Ele é a expressão da fala que veio a se tornar material escrito para qualquer grupo em qualquer época, o que o torna singular como ato linguístico. É produzido por um sujeito que possui uma intenção e que possui o status de ser capaz de garantir que seus interpretantes partilhem com ele o mesmo saber comum<sup>31</sup>. O tema do *Sermão do Monte* apresenta uma das faces do conteúdo da Bíblia como um todo, que é essencialmente a apresentação do comportamento esperado de um povo que se dispõe a crer na existência de Deus e se coloca na condição de ser e agir como “santo”<sup>32</sup>. A estrutura do texto compreende o início com “bem-aventuranças”, no desenvolvimento aborda a regra áurea, a ordem para amar os inimigos e oferecer a outra face, a proibição de julgar as pessoas, ilustrações da trave no olho e da árvore com seus frutos e, por fim, a parábola dos dois construtores.

Uma interpretação do *Sermão do Monte* desvinculada de padrões que norteiem o levantamento de dados pode tomar direções das mais diversas sem, contudo, apreender o que esse ato de linguagem pode refletir. Porém, ainda seguindo alguns parâmetros, vamos encontrar desafios até para empregar de forma fidedigna aos pesquisadores que nos servem de base, porque,

Na linguística, sempre temos dificuldade para entrar no campo da experiência empreendida por outro pesquisador. Não compreendemos os parâmetros da maneira pela qual nos são propostos e nunca estamos certos de poder reproduzir as operações de experimentação de uma maneira idêntica, isso porque raramente chegamos a um mesmo resultado. [...] Na linguística, nunca estamos certos de estar lidando com uma linguagem-objeto, com uma linguagem instrumento de análise ou com uma linguagem-instrumento de interpretação. (CHARAUDEAU, 2009, p. 14)

---

<sup>31</sup> Charaudeau, 2009, p. 30.

<sup>32</sup> Ver mais no item 1.3 *O discurso religioso como resultado de interação social*.

Falta-nos um caminho único que não deixe dúvida no que diz respeito ao pensamento linguístico, porque cada sujeito que teoriza traça um caminho histórico e a linguagem não se exaure na forma explícita, sempre fica algo a ser visto, a ser descoberto. O ato de linguagem carrega em si a pressuposição que muitas perguntas podem ser feitas, sugerindo uma diversidade de leituras possíveis<sup>33</sup>. Também “[...] é o ato de linguagem de um sujeito particular que, através da expectativa discursiva que representa, constrói o saber perceptivo-sensorial do referente linguageiro, e não o inverso.” (Charaudeau, 2009, p. 37).

De grande importância para a interpretação é saber que um “Um texto não tem sentido por si mesmo, mas graças à interação que se estabelece entre o conhecimento apresentado no texto e o conhecimento de mundo armazenado na memória do interlocutor.” (GUIMARÃES, 2009, p. 17) e captar toda a carga metafórica que guarda o sentido do texto se constitui um desafio para o leitor; e isso acontece com auxílio do conhecimento que enunciador e enunciatário possuem em comum<sup>34</sup>. No *Sermão do Monte*, como em todo ato comunicativo que, conseqüentemente, pressupõe a atividade de interpretação, todas as informações necessárias estão ocultas nas linhas do discurso encerradas na linguagem. Ainda em GUIMARÃES, encontramos os níveis que sustentam a construção do texto e que servirão de auxílio em nossa pesquisa para identificação dos elementos constitutivos da linguagem figurada. São eles<sup>35</sup>:

- Nível sintático – estabelece a relação entre as palavras. É nesse nível que observaremos a recorrência de determinados esquemas sintáticos que organizam o texto, observando como se relacionam e se combinam para formar um sentido próprio.
- Nível semântico – destaca a relação das palavras com o mundo a que remetem. É nesse tipo de dimensão que observaremos o processo de recuperação de ideias dentro do texto. Por se tratar de texto traduzido, favorece uma continuidade da pesquisa em que fosse feito um levantamento

---

<sup>33</sup> Charaudeau, 2009, p. 15, 17.

<sup>34</sup> Guimarães, 2009, p. 22)

<sup>35</sup> Guimarães, 2009, p. 46-61.

de termos do texto original que ampliasse as possibilidades para a recuperação do sentido.

- Nível pragmático – refere-se às relações entre as palavras e aqueles que as interpretam, como a língua é usada nesse processo. Esse nível tem vínculo, em seus aspectos centrais, com a enunciação, que é força organizadora da estrutura da língua. É da forma que o sujeito faz da língua que faremos a nossa comparação entre versões, verificando os traços textuais da intencionalidade (produtor); da aceitabilidade (receptor); e da situacionalidade (relacionados com os atos comunicativos).

As palavras possuem um potencial polissêmico<sup>36</sup>, mas, no que diz respeito à linguagem literária, a ocorrência vai além de adquirir novos sentidos, porque a linguagem pode assumir nova roupagem no sentido das palavras a partir da forma como elas se relacionam, e é desse aspecto que passamos a tratar.

---

<sup>36</sup> Mais sobre isso, no item 1.2 *A linguagem no processo discursivo*.



## 2 A linguagem figurada em suas performances

### 2.1 Percepção estilística da linguagem figurada

A linguagem figurada manifesta-se como uma diferenciação na linguagem em suas diversas manifestações, que nos leva a procurar os níveis de organização, ainda que se apresentem de forma abstrata. O *estilo*<sup>37</sup> é fator predominante para o uso das figuras. O professor Bechara, em sua *Gramática escolar da Língua Portuguesa* (2006, p. 668), associa a Estilística ao domínio afetivo, e, por conseguinte, as figuras de linguagem são tomadas como expressões que refletem os sentimentos e não a razão. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2002, p. 613), as figuras de sintaxe são consideradas como um afastamento das “estruturas frásicas tidas por modelares”<sup>38</sup>, em que coesão gramatical é substituída por coesão significativa. Em ambos os casos, contempla-se apenas a linguagem figurada reconhecida como *figuras de sintaxe*<sup>39</sup>.

No que concerne às obras literárias, há uma intenção de produzir no leitor um prazer estético, e a forma artística com que o texto é trabalhado resulta em construções frásicas em que as palavras se unem para dar um novo sentido. Há um diferencial textual que distingue as obras umas das outras que pode ser típico de um determinado escritor. Fiorin aponta o conceito de estilo como um dos problemas que deve atrair nossa atenção quando se pensa em trabalhar na leitura de textos, e assim conceitua *Estilo*<sup>40</sup>:

[...] é o conjunto de traços particulares que define desde as coisas mais banais até as mais altas criações artísticas. É o conjunto de características que determina a singularidade de alguma coisa, ou, em termos mais exatos,

<sup>37</sup> “Escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua.” (Cunha; Cintra, 2002, p. 1) Ou ainda “o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização da linguagem afetiva.” (Bechara, 2006, p. 668).

<sup>38</sup> (Cunha; Cintra, 2002, p. 613)

<sup>39</sup> Grifo nosso.

<sup>40</sup> Grifo do autor.

é o conjunto de traços recorrentes do plano de conteúdo ou da expressão por meio dos quais se caracteriza um autor, uma época, etc. O termo *estilo* alude, então, a um fato diferencial: diferença de um autor em relação a outro, de um pintor relativamente a outro, de uma época em relação a outra, etc. Há, no estilo, como em todos os fatos discursivos, um aspecto ligado à produção do texto e um relacionado a sua interpretação. (FIORIN, 2008, p. 96)

Assim, o que chamamos de estilo compõe o conhecimento que formaremos do enunciador, que criará um vínculo com o enunciatário a partir do desejo de se fazer entendido e, para isso, utilizará o recurso de figuração da linguagem. Ao transpor a norma gramatical para criar um efeito de sentido, certamente há de se levar em consideração que esse efeito deve ser captado por aquele que recebe o texto, produzindo compreensão.

A linguagem figurada apresenta-se como um processo de expressão que não se prende obrigatoriamente a objetos estéticos, mas “resulta da imperfeição do espírito humano, das necessidades inerentes à comunicação das idéias e da insuficiência dos meios de expressão.”<sup>41</sup> Literatura é arte, uma arte que trabalha a palavra. É natural que escritores usem um código linguístico atípico, que não seja estritamente vinculado às normas gramaticais, sem, contudo, afastar-se das normas em todo o texto, senão em expressões com efeitos de sentido e que se supõem compreensíveis para o receptor. Não é possível esquecer que

Os componentes que integram a superfície textual dependem uns dos outros conforme convenções e formalidades gramaticais determinadas, de maneira que a coesão descansa sobre dependências gramaticais. Assim, todos os procedimentos que marcam relações entre os elementos superficiais de um texto incluem-se no contexto de coesão. (GUIMARÃES, 2009, p. 15)

Os efeitos expressivos ou artísticos não impedem o texto de ser trabalhado de acordo com as dependências gramaticais, porque, é do conhecimento dessas dependências que surgem esses efeitos. Como afirma Charaudeau:

---

<sup>41</sup> Charles Bally (apud RAMOS, 1972, p. 111)

A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador como para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem. (2009, p. 24)

E é no estudo da linguagem literária que vamos encontrar base para maior riqueza do uso das figuras de estilo. É certo que não há unanimidade quanto às noções da natureza de sentido das figuras de linguagem, variam as épocas juntamente com os conceitos sugeridos por diversos autores. Em comum, os autores têm percebido que as figuras não combinam com um enquadramento rigoroso, uma vez que apresentam complexidade. No livro *As figuras de linguagem*, Brandão afirma: “Forma aberta a duas ou mais interpretações, o sentido figurado parece que projeta nas razões de sua estrutura a polivalência que caracteriza seu efeito no receptor.” (1989, p. 7).

Não faltam elementos para dificultar uma padronização no estudo da linguagem figurada. Começa pela própria nomenclatura que é usada ora como *figuras de estilo*, ora como *figuras de linguagem*<sup>42</sup>. Da escolha da nomenclatura acham-se relacionadas apenas algumas figuras. Também, no que diz respeito à nomenclatura, ora são *figuras*, ora são *tropos*; as primeiras com uso no sentido denotativo<sup>43</sup>, os segundos com uso no sentido conotativo<sup>44</sup>. A falta de uniformidade dificulta um trabalho de análise textual em que predomine nominar as expressões que representem uma construção de teor literário e que se apresentem de forma figurativa para efeitos de compreensão. Emergem daí afirmações como “[...] por motivo de coerência, várias dessas designações deveriam ser abolidas, não só por serem imprecisas e duvidosas, como – o que é pior – em razão da ambigüidade (para não dizer de confusão) que de seu emprego se origina.” (PIRES-DE-MELO, 2001, p. 22).

---

<sup>42</sup> A nomenclatura expressa o sentido ou limita em termos estruturais. Um efeito figurativo pode ser semelhante a uma determinada figura de linguagem sem que, necessariamente se encaixe totalmente na sua conceituação.

<sup>43</sup> Sentido próprio tirado do dicionário.

<sup>44</sup> Sentido que não é próprio da palavra.

A visão do uso da linguagem figurada não repousa somente nos estudos de literatura. Além de fazer parte do dia a dia do falante, já surgem textos que quebram paradigmas, como aborda a *Revista Língua* no artigo *Jornalismo em QUADRINHOS*, em agosto de 2007<sup>45</sup>. O artigo apresenta o surgimento de um novo gênero a partir da mudança do estilo de linguagem. A linguagem figurada está inserida na criatividade humana, afinal, a língua não é estática, sua dinâmica possibilita reconstruções constantes. Se antes levava anos para que uma mudança ocorresse, hoje, a tecnologia de comunicação oferece elementos que permitem acelerar esse processo. Considerando que a língua se constitui no próprio desenvolvimento histórico da espécie humana no plano da comunicação, temos na linguagem a habilidade específica para expressar, das mais diversas formas, fazendo uso da função simbólica. Quando essa função simbólica toma forma de maneira consciente e intencional, temos o que chamamos de linguagem figurada.

Há de se considerar também o contexto discursivo em que se encontram as figuras de linguagem. Dentro do conteúdo textual de cunho religioso, em alguns momentos, é difícil definir tratar-se de linguagem figurada, e isso gera interpretações diversificadas. O resultado da interpretação que considera determinada expressão como figurada certamente será bem diferente de uma interpretação que considera literalmente a expressão por questões confessionais. Exemplo disso acontece com o trecho “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.” (Mateus 5:29)<sup>46</sup>. A expressividade poética desse texto manifesta-se no uso de pronomes da segunda pessoa, na escolha dos verbos e no próprio desenvolvimento da ideia de causa e consequência. Mas a dificuldade é definir se “olho direito” representa uma situação ou termo literal que substitui qualquer parte do corpo que seja um meio de agir fora dos padrões éticos/morais. Como se trata de um texto que prescreve um padrão de comportamento, é fundamental compreender os sentidos que podem ser empreendidos. No filme *Pecados Íntimos (Little Children)*<sup>47</sup>, no original em inglês), o personagem Ronald James McGorvey é atormentado pela

<sup>45</sup> PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *Jornalismo em QUADRINHOS*. *Revista LÍNGUA Portuguesa*. São Paulo, Ano II, n. 22, 2007.

<sup>46</sup> Versão João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

<sup>47</sup> Filme norte-americano de 2006, do gênero drama, dirigido por Todd Field, com roteiro baseado no romance de mesmo nome, de Tom Perrotta.

atração sexual por crianças; para se livrar do que ele considera uma afronta moral para a sociedade e, portanto, um pecado, ele se castra. Também não é tão incomum casos reais de pessoas que mutilam parte do corpo por considerarem uma razão para uma determinada fraqueza de caráter. Outro termo que apresenta o mesmo problema é “inferno” – para alguns um lugar, para outros um estado espiritual, para outros um estado físico a ser experimentado na Terra.

Mais do que definir o aspecto literal ou figurativo, o trabalho do pesquisador é captar as possibilidades que o texto possa vir a oferecer, considerando a estrutura textual sem descuidar do repertório de que o enunciatário faz uso para interpretar o conjunto das palavras. Embora haja muitas possibilidades, sabemos que nem todas as possibilidades são admitidas dentro de um encadeamento já formado, e sobre isso Charaudeau considera:

[...] não pode consistir em dar conta apenas da intenção do sujeito comunicante (EUc). De um lado, porque o único objeto de observação de que dispõe o sujeito analisante é um texto já produzido. Para o analista, não há uma forma de observar o conjunto do mecanismo que presidiu a produção do texto. Mesmo tentando reconstituir esse mecanismo, por analogia, mesmo se nos colocarmos no lugar do produtor do texto, será difícil para nós apreender nossas próprias operações psico-sócio-biológicas-mentais. (2009, p. 62)

E, quanto ao que buscar na análise, ele acrescenta:

Deve-se, sim, dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação. O *sujeito analisante* está em uma posição de *coletor* de pontos de vista interpretativos e, por meio da comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado. (2009, p. 63),

As figuras de linguagem aparecem em todos os idiomas, variando em sua categorização, tanto quanto é observado na língua portuguesa. O idioma italiano, por exemplo, apresenta um grande número de figuras cujas classificações fazem sentido para seu padrão cultural, mas algumas figuras são comuns a diversas

línguas por terem sua origem na retórica. Passamos, então, a considerar alguns padrões propostos por alguns pesquisadores do assunto.

## **2.2 Figura em sua forma de organização**

Tomadas como unidades semânticas, qualquer figura de linguagem pode ser considerada uma metáfora. Isso porque, ao reconstruir o sentido do signo, há de se produzir um “outro dizer” que é simbólico, é um reinventar que traz compreensão para a linguagem e para a visão de mundo. Isso em sentido geral, porém, é importante observar alguns critérios que direcionam a padronização das figuras que surgem dessa reconstrução.

A identificação e a catalogação têm sido um problema para estudiosos da retórica desde a Antiguidade, e não é diferente nos tempos atuais. O que é apresentado como catalogação varia de autor para autor. Até mesmo as definições são desconstruídas, algumas limitadas, outras extensas demais. Exatamente por essa natureza aberta e tão propensa a divergências é que nossa pesquisa não se propõe a determinar com rigidez ser essa ou aquela figura, senão compreender o efeito de sentido produzido nas diferentes maneiras de abordagem de um mesmo conteúdo, tomando como base classificações que estejam ligadas aos níveis do discurso com vistas no desenvolvimento artístico do texto. Não podemos, contudo, ignorar as organizações que já foram propostas de forma a usar essas informações para auxiliar nossa análise.

Pires-de-Melo propõe um esquema, contemplando os “níveis, planos ou extratos através dos quais o discurso se realiza”<sup>48</sup>: O autor divide as figuras em: Figuras de Dicção, em que focaliza as Propriamente Ditas, Licenças poéticas – por redução e por acréscimo -, Outras Licenças Poéticas e os casos especiais; Figuras de Sintaxe, em que focaliza aquelas que denomina por omissão, por repetição, por discordância

---

<sup>48</sup> Para saber mais, (2001, p. 23-29)

e por transposição; Figuras de Semântica, em que não faz nenhuma subdivisão especial e, finalmente, as Figuras de Imagística, em que também não apresenta nenhuma subdivisão.

É muito comum encontrar autores que trabalham a organização das figuras tomando a linguagem poética como base para análise. Tomando como referência Jean Cohen, Brandão destaca os procedimentos poéticos em dois níveis: fônico – que estuda a versificação, a rima e o ritmo; semântico – estuda as relações de predicação, determinação, coordenação e ordem das palavras. (1989, pp. 32, 33). Ainda assim, um nível não elimina o outro, apresentando implicações um no outro.

Seja qual for a organização proposta, é senso comum que a linguagem figurada produz, ainda que sem intenção, um efeito determinado na interpretação do leitor, seja para facilitar a compreensão ou, ainda, para levar o leitor a um questionamento que produza maior riqueza interpretativa. É preciso considerar a realidade objetiva, que é o próprio texto, saindo da monotonia de um estudo abstrato para ensinar a apreciar os recursos utilizados na riqueza expressiva, seja da fala, da escrita ou qualquer meio que transmita uma mensagem que, espera-se, seja “lida” e apreciada pelo seu receptor.

Alguns autores organizam as figuras de acordo com aspectos semântico, fonológico e sintático; há os que apenas separam figuras de pensamento e figuras de sintaxe; outros sequer tentam organizar em grupos, apenas apresentam as figuras que estão mais presentes em textos literários. A abordagem de padronização é tão diversificada quanto permite o assunto. Não há uma maneira fácil de tratar um assunto que é complexo e que, por si só, já apresenta muitas faces interpretativas, a depender de todos os elementos que constituem o discurso. Também não podemos negligenciar o aspecto ideológico da linguagem, em que um conceito se propaga e permanece ativo se ele for reproduzido.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

Althusser trata da ideologia<sup>50</sup> como força de domínio que se estabelece pela submissão. Temos, porém, no Discurso Religioso, uma colocação de juízo de valores que se estabelecem numa base de se fazerem compreendidos por aqueles que os aceitam e não entendidos por aqueles que resistem à aceitação. O autor do evangelho de *Mateus*, assim como os autores de *Marcos* e *Lucas*, ao relatarem um dos discursos de Jesus, falando a respeito da linguagem utilizada para apresentar os ensinamentos, dizem que era uma linguagem não compreensível para todos, nesse caso a parábola, para que ele não fosse entendido por todos.<sup>51</sup> Havia uma necessidade de explicação de algumas expressões figurativas para que fossem entendidas, por outro lado, a linguagem figurativa também servia para aproximar o ouvinte do conteúdo da mensagem - por meio de elementos conhecidos.

No capítulo 3, voltaremos a abordar a organização das figuras, enfatizando, então, as chamadas figuras de retórica – que são usadas com valor persuasivo intencional. Para efeito de compreensão do funcionamento do texto quando está presente a linguagem figurada, destacamos algumas que são bastante usadas, especialmente por estarem presentes em textos bíblicos.

### **2.3 Sobre a interpretação de figuras de linguagem na Bíblia**

A retórica faz uso de classificações para facilitar o reconhecimento e a produção de figuras. Não houve, porém, da parte dos antigos, uma classificação rigorosa. O peso maior sempre recai sobre o efeito de sentido que se pretende causar. Não havia recursos adequados para a análise, especialmente no plano linguístico, as categorias foram instauradas superficialmente, seguindo o padrão de reflexão retórica, o que ampliou consideravelmente o número de acordo com os fenômenos observados sem ligação interna. Não é de se estranhar que houvesse diferenças de

---

<sup>50</sup> “[...] sistema de idéias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” (Althusser, 1998, p. 81).

<sup>51</sup> Bíblia: *A explicação da parábola. Mateus 13.10-23; Marcos 4.10-20; Lucas 8.9-15.*



opinião quanto à colocação de uma ou de outra figura em determinada modalidade.<sup>52</sup>.

Algumas técnicas argumentativas são apontadas por Perelman (1993) como figuras de retórica. A *amplificação* é uma técnica que se utiliza do desenvolvimento de um assunto, procurando dar o sentido de *presença*; a *conglomerção* tem início na enumeração das partes e finaliza por uma síntese; a *sinonímia* ou *metábole* consiste na repetição da ideia com termos diferentes que parecem retificar a ideia em certo sentido; a *enálage* tem efeito de tempo, usando o presente em lugar de futuro. O autor também diz que

Para haver uma figura é preciso que nos encontremos perante um modo de falar não usual e cuja forma é discernível por uma estrutura particular. [...] Uma figura é argumentativa se o seu uso, implicando uma mudança de perspectiva, parece normal em relação à nova situação assim sugerida. Pelo contrário, se o discurso não implica a adesão do auditor a figura será percebida como ornamento, figura de estilo, permanecendo ineficaz como meio de persuasão. (1993, p. 58).

Identificar a linguagem figurada em um texto religioso não é tarefa das mais fáceis, até mesmo para indivíduos que partilham o mesmo saber - o que se dá pelo fato de envolver a fé em um plano em que o impossível é perfeitamente possível, mesmo que intangível. Fica sempre uma pergunta a responder: O sentido é literal ou figurado? Resta-nos trilhar pelas linhas teóricas, aplicando conceitos e levantando dados que facilitem a identificação das figuras apresentadas. Sobre o texto bíblico, Durkheim explica:

[...] o alegorismo medieval era uma técnica teológica de interpretação da Bíblia que buscava, sob o sentido imediato, as verdades de uma ordem superior ocultas sob as palavras e as imagens do texto sagrado. Tanto em um caso como no outro tratava-se de encontrar as semelhanças no interior das diferenças. (1989, p. 8)

---

<sup>52</sup> Brandão, 1989, p. 18.

Considerando que a argumentação não visa apenas ao convencimento, percebemos que a retórica do texto bíblico em análise chama à ação o enunciário, é um convencimento que visa a transformar sua maneira de pensar e agir e, conseqüentemente, conduzir outros a essa mesma transformação. A linguagem figurada em muitos momentos do texto põe em evidência o conhecimento do ouvinte, mais tarde leitor. Leva a imaginar o que está sendo dito como algo que acontece no momento, mas que carece de uma interpretação, como é o caso da pergunta “Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?”<sup>53</sup> – a pergunta coloca coisas onde elas não estão para elevar a condição de autoavaliação do ouvinte/leitor.

Muitos teólogos têm desenvolvido critérios para leitura e entendimento das Escrituras, mas quando se trata de figuras de linguagem, em geral, o tratamento desses critérios é muito vago, apenas identifica figuras apontando o texto. Aprender a interpretar exclusivamente a partir do texto ainda é um desafio para muitos leitores, porque o teólogo e muitos estudiosos da Bíblia têm interesse em saber quem é o autor e o que ele quis dizer, como o texto reflete aspectos histórico-sociais, e nem sempre priorizam o que foi dito em um texto específico, de uma versão específica com suas escolhas específicas de léxico. Se interpretar um trecho específico já se constitui complexo, mais ainda é tentar entender todos os textos de todas as versões, incluindo o original, de uma só vez. Mesmo a exegese necessita de conhecimentos do hebraico, grego e aramaico, além dos métodos científicos desenvolvidos para esse fim. É comum que estudiosos indiquem várias áreas de conhecimento que devem buscar no estudo de um dado texto, como por exemplo, geografia, história, literatura etc. No fim, o leitor comum acaba por optar pela leitura apresentada em comentários bíblicos, e faz uso dessas interpretações porque não consegue saber o que e como procurar no texto.

O texto bíblico possui exemplos dos mais diversos tipos de figuras de linguagem já identificadas e outros que não puderam ser traduzidos do original porque faltaram recursos linguísticos para os tradutores. Afinal, a língua mantém suas limitações, inclusive de aspecto cultural. Há de se considerar, porém, que ao escrever uma

---

<sup>53</sup> Mateus 7.3 – João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

nova versão<sup>54</sup> nem sempre o autor mantém as figuras e, se mantém e modifica algum aspecto, causa efeito em todo o texto, inclusive na figura de linguagem presente no trecho reescrito. Outro ponto a observar quando se trata de um determinado trecho, no que se refere ao texto bíblico, é que a Bíblia é um livro composto por vários livros, em que os estudiosos reconhecem o estilo de autores diversos, mantendo um padrão de escrita que faz com que seu contexto seja a junção de todos os livros reunidos. E, muitas vezes, para captar o sentido do que está escrito numa parte é preciso recorrer ao todo porque a Bíblia é uma unidade de sentido. Um exemplo bem claro disso está em Mateus, no capítulo 4, verso 19, em que Jesus diz “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”<sup>55</sup>. Se tomarmos o sintagma “pescadores de homens”, isoladamente, apenas é possível perceber que é metafórico, porque a profissão de pescador está associada a peixes. Ao romper com esse sentido associando a homens, precisamos retomar aspectos do texto que forneçam as possibilidades do novo sentido. Alguns elementos na própria frase ajudam a encontrar possibilidades de sentido, um deles é “Vinde após mim”. Jesus faz o convite para que alguns homens venham *após* ele; esse *após* tanto pode indicar o fato de seguir fisicamente como também seguir no sentido de imitar as ações. De qualquer maneira, esse convite encerra a ideia de que, seguindo Jesus, aqueles homens aprenderiam a ser “pescadores de homens”, também colabora para essa interpretação o fato de Jesus dizer “vos farei pescadores de homens”. O convite encerra aí e foi suficiente para convencer aqueles homens, mas o texto não contempla a explicação do que aqueles homens entenderam por “pescadores de homens”, apenas sabemos que eles concordaram em ir. Para agregarmos mais possibilidades de sentido para “pescadores de homens” precisaríamos recorrer a outros textos em que Jesus explica seus objetivos enquanto no mundo. Dizer que aqueles homens seguiram Jesus porque achavam que iriam passar para uma condição social melhor ou que sairiam da obscuridade seria uma dedução que o texto não confirma e o contexto não corrobora.

---

<sup>54</sup> Nem sempre uma versão bíblica é produto de uma nova tradução. Há casos em que o texto traduzido é aproveitado com algumas modificações, consultando os originais como forma de não perder o sentido proposto.

<sup>55</sup> João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

Não é absurdo admitir que o uso da linguagem figurada possa contribuir para atrair a atenção daqueles que foram convidados por Jesus. Afinal, sem que haja uma explicação maior no texto, há um desfecho favorável, há o que temos identificado aqui como resultado da retórica: adesão. Para entender os procedimentos para conseguir a adesão é importante verificar como a Retórica se estabelece na estruturação do texto – que será comentado a seguir.

### 3 A Retórica na estruturação do texto

#### 3.1 A linguagem para persuasão: origem e efeitos

O termo retórica deriva do grego *tekhné rhetoriké*, com sentido de arte (técnica) ou conjunto de regras de falar de forma correta - a oratória ou eloquência – expressa de maneira falada ou escrita. A Retórica surgiu no século V a.C., na Sicília grega, nas disputas judiciárias. A falta de advogados nos processos judiciários fez com que Córax e seu discípulo Tísias publicassem uma coletânea de preceitos argumentativos e de exemplos práticos que servissem de base para a defesa ou reclamação dos litigantes. Anos depois, o sofista Górgias ficou famoso em Atenas pela eloquência e por seus ensinamentos na arte da argumentação. Com ele a retórica entrou para o campo da literatura em forma de prosa, despertando para o uso de figuras de linguagem e de ritmos de frases que persuadissem os ouvintes ou leitores.<sup>56</sup>

Aristóteles confere à Retórica um papel positivo.<sup>57</sup> À medida que os oradores e poetas foram fazendo uso da expressão ornada, tornaram-se famosos, especialmente pela correção gramatical.<sup>58</sup> O interesse por se posicionar em relação à Retórica foi crescendo conforme seu desenvolvimento, parte desse interesse as definições que são consideradas de destaque:

- (1) a retórica é uma manipulação do auditório (Platão);
- (2) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano);
- (3) a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles). (MEYER, 2007, p. 21).

---

<sup>56</sup> Parágrafo construído a partir de anotações pessoais da Profa. Dra. Elisa Guimarães, que gentilmente cedeu para o enriquecimento do nosso trabalho.

<sup>57</sup> MEYER, Michel. A retórica. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007, p. 20.

<sup>58</sup> Brandão, 1989, p. 11.

Segundo esse autor, a definição de Platão estaria ligada a todas as ideias de retórica que girem em torno da emoção, no papel do enunciatário, como ele reage, e seria usada em propaganda e publicidade; a de Quintiliano focaliza o enunciador, a como se expressa, seu próprio modo de ser, sua intenção e o que quer dizer; a de Aristóteles está associada ao implícito e ao explícito, ao literal e ao figurado, às inferências e ao literário. (2007, p. 21). Dessa maneira, cada definição privilegia uma das dimensões da linguagem, não comportando todas as dimensões envolvidas na comunicação.

Meyer afirma que, no estudo de retórica, é preciso colocar em nível de igualdade o orador, o auditório e a linguagem. E nossa proposta nesse trabalho é que a linguagem seja o meio pelo qual possamos identificar a relação do orador com seu auditório<sup>59</sup> e, por meio do explícito, verificar as possibilidades do implícito. Meyer propõe como definição de retórica que “é a análise dos questionamentos que são feitos na comunicação interpessoal e que a suscitam ou nela se encontram.” (2007, p. 26) e acrescenta (p. 28) que, para persuadir, partimos da pergunta ou da resposta de algum questionamento. Nesse sentido, não é possível dissociar a persuasão da argumentação, porque o interlocutor irá raciocinar a respeito das propostas que visam convencê-lo para compreender e manifestar sua possível adesão. Aquele que argumenta certamente fará uso de sua certeza e procurará explicar sua maneira de pensar de forma a convencer o interlocutor. Sobre a ação de procurar convencer, Aristóteles aponta a natureza humana como impulso para isso ao dizer que “É ainda agradável alcançar vitória, não só para os que gostam de vencer, mas para todos, porque a imaginação nos atribui uma superioridade e este desejo, ora moderado, ora mais vivo, é comum a todos.” (2005, p. 72). O exercício de convencer, porém, não é tão simples, uma vez que envolve vários aspectos e desconsiderar um deles pode produzir uma confrontação em lugar de aceitação. Sobre os aspectos que devem ser considerados, Charaudeau afirma:

Para que haja **argumentação**, é necessário que exista:

---

<sup>59</sup> Dentro da proposta das teorias do discurso, temos: orador – enunciador; auditório – enunciatário.

- uma *proposta sobre o mundo* que *provoque um questionamento*, em alguém, quanto à sua *legitimidade* (um questionamento quanto à *legitimidade da proposta*).
- um *sujeito* que *se engaje* em relação a esse questionamento (convicção) e *desenvolva um raciocínio* para tentar estabelecer uma *verdade* (quer seja própria ou universal, quer se trate de uma simples *aceitabilidade* ou de uma *legitimidade*) quanto a essa *proposta*.
- um *outro sujeito* que, relacionado com a mesma *proposta, questionamento e verdade*, constitua-se no *alvo* da argumentação. Trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a *compartilhar* da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar *contra*) a argumentação. (2009, p. 205)

Para esse autor, o texto pode ser argumentativo como modo de discurso de forma demonstrativa ou persuasiva. E a argumentação, então, seria “o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva.” A razão persuasiva baseia-se num mecanismo que busca estabelecer a prova com a ajuda de argumento que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras. (p. 207)

Toda relação argumentativa compõe-se de pelo menos três elementos: uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão, resultado), e uma (ou várias) asserções de passagem que permite passar de uma a outra (inferência, prova, argumento). A asserção de partida constitui uma fala sobre o mundo que consiste em fazer existirem *seres*, em atribuir-lhes propriedades, em descrevê-los em suas *ações* ou *feitos*. Essa asserção é configurada sob a forma de um enunciado, representa um dado de partida destinado a fazer admitir uma outra asserção em relação à qual ela se justifica. Pode, portanto, ser chamada *dado* ou *premissa* (“proposição colocada antes [...]; fato que decorre uma conseqüência”). A asserção de chegada representa o que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida em decorrência da relação que une uma à outra. A asserção de chegada pode ser a *causa* da premissa, ou sua *conseqüência*. Essa asserção pode ser chamada de *conclusão* da relação argumentativa; ela representa a *legitimidade* da proposta. Asserção de passagem representa *um universo de crença* sobre a maneira como os fatos se determinam mutuamente na experiência ou no conhecimento do mundo. Esse universo de crença deve, portanto, ser compartilhado pelos interlocutores implicados pela argumentação, de maneira a ser estabelecida a

*prova* da validade da relação que une a asserção de partida com a de chegada, o argumento que, do ponto de vista do sujeito argumentante, deveria incitar o interlocutor ou o destinatário a aceitar a proposta como verdadeira. (p. 209).

Para Aristóteles,

O que contribui para persuadir é o estilo próprio do assunto. Neste caso, o ânimo do ouvinte conclui falsamente que o orador exprime a verdade, porque em tais circunstâncias os homens são animados de sentimentos que parecem ser seus; e mesmo que assim não seja, os ouvintes pensam que as coisas são como o orador diz. (2005, p. 187)

De qualquer forma, a arte de argumentar está presente em todo tempo, desde quando a criança aprende que precisa convencer os pais a permitir que ela faça alguma coisa até quando, de forma elaborada, políticos tentam convencer que farão o melhor pela sociedade para adquirir a adesão e, por consequência, o voto; propagandas mostram que determinado produto é o que há de melhor no mercado e que o consumidor sairá ganhando ao optar pela compra do tal produto etc.

Em Perelman, vemos alguns pontos de reflexão sobre os efeitos da argumentação. Segundo ele, a argumentação não pode proporcionar a evidência, porque não há necessidade de argumentar contra o que é evidente, conseqüentemente, não há necessidade de convencer quem já está convencido. A única maneira de usar a argumentação contra a evidência é no caso dessa evidência ser contestada, mas isso não atenua o valor da argumentação, porque o próprio autor esclarece:

Como a argumentação se propõe agir sobre um auditório, modificar as suas convicções ou as suas disposições por meio de um discurso que se lhe dirige e que visa ganhar a adesão dos espíritos, em vez de impor a sua vontade pela constrição ou pela domesticação, ser-se uma pessoa a cuja opinião se atribui algum valor é já uma qualidade não negligenciável. Da mesma forma, é importante poder tomar a palavra em certas circunstâncias, ser o porta-voz de um grupo, de uma instituição, de um Estado e ser escutado. (PERELMAN, 1993, pp. 30, 31)



Também esse mesmo autor diz que o auditório nem sempre é formado por aqueles que o orador pretende alcançar diretamente com sua argumentação. Ele define o auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação” (p. 33). E esse conjunto varia sendo desde o próprio orador, em caso de uma decisão particular até a humanidade inteira, ou, melhor dizendo, aqueles que têm condições para representar o auditório universal, não esquecendo o grande número de auditórios específicos para tratar de assuntos específicos. Dessa variação, ele vai falar da distinção entre os discursos, dos que seriam universais e os que seriam para grupos particulares, e esse seria o critério para determinar o discurso que é persuasivo e o que pretende ser convincente. O discurso convincente seria, então,

aquele cujas premissas e cujos argumentos são universalizáveis, isto é, aceitáveis, em princípio, por todos os membros do auditório universal. Vê-se imediatamente como, nesta perspectiva, a própria originalidade da filosofia, tradicionalmente associada às noções de verdade e de razão, será melhor compreendida pela sua relação com o auditório universal e pela maneira como este é concebido pelo filósofo. (PERELMAN, 1993, p. 37)

Temos, então, que o orador precisa adaptar-se ao seu auditório, caso queira agir com eficácia, partindo das concepções que esse auditório traz consigo<sup>60</sup>. Se o enunciatário admite como prováveis as premissas do seu enunciador, certamente haverá melhor aceitação dos seus argumentos, ainda que eles sejam inovadores em relação ao que já foi postulado. Seria na conclusão, ou mais especificamente, na interpretação do que foi exposto, que estaria concentrado o resultado: a aceitação. O uso da linguagem exerce, nesse sentido, papel fundamental na elaboração do texto – seja falado ou escrito – para tomada de posição. Uma vez que o enunciador lança mão de uma forma de expressão ou conjunto de expressões, ele coloca ali não apenas o que pensa, mas, especialmente, o que espera como resultado do pensamento do enunciatário. Por essa razão, não podemos tomar as figuras de linguagem como elementos soltos nos textos, e, sim, verificarmos seu papel dentro das escolhas feitas e dos resultados admissíveis. As escolhas linguísticas têm papel

---

<sup>60</sup> Perelman, 1993, p. 41.

fundamental no resultado final do que era apenas intenção do enunciador quando se propôs a se comunicar.

Por ser a argumentação parte constituinte de inúmeros enunciados, uma vez que muito do que é dito pretende arrancar um posicionamento favorável, o uso da língua com propriedade é determinante, ainda que, apesar de oferecer múltiplas possibilidades de construção também apresenta suas limitações, como afirma Cabral (2010, p. 14). E acrescenta:

Um adjetivo, um advérbio para reforçar um argumento, conectores para articular nosso texto, todos esses elementos linguísticos cumprem uma importante função na argumentação, pois eles marcam uma tomada de posição do locutor diante do conteúdo enunciado. (2010, p. 13)

Ora, se por um lado temos o processo de inferência<sup>61</sup> que permite ao leitor/ouvinte concluir com base no contexto não verbal e verbal constituído, temos também um enunciador que faz escolhas visando a obter, algumas vezes, resultados específicos. Por exemplo, uma piada. Ao elaborar um texto humorístico, o autor pretende produzir no leitor/ouvinte uma adesão: o riso. Ainda que possamos inferir outros sentidos para o texto, teremos em primeira mão a elaboração linguística visando uma resposta que atenda à expectativa do enunciador. Um humorista não se estabelecerá como tal se não cumprir seu papel, e para isso suas escolhas linguísticas, ainda que tenham seu próprio estilo, trabalharão para convencer o leitor/ouvinte dentro do sentido que se pretende para o texto. É essa construção de sentido, com interesse na adesão, que passamos a ver no tópico seguinte.

---

<sup>61</sup> “termo designativo das operações identificadas como um processo interpretativo que coloca em relação o que é dito explicitamente como algo além desse dito.” (Guimarães, 2009, p. 30).

### 3.2 A Retórica na construção de sentido

Pelo que vimos no item anterior, podemos dizer que a argumentação acontece na esfera da organização do discurso. Sendo assim, argumentar é, em primeira instância, uma atividade discursiva em que o enunciador, por meio da razão, procura estabelecer uma verdade, ou o que supõe ser uma verdade. Porém, há duplicidade no processo de argumentação, porque, na tentativa de convencer, o enunciador pode usar de sedução em lugar de levar o enunciatário ao convencimento pelo uso de sua capacidade de raciocínio. Charaudeau distingue em três o conjunto da relação argumentativa, que são: “para todos os casos” - generalização; “para um caso específico” particularização; “para um caso suposto” hipótese (2009, p. 213). O pensamento se organiza para combinar os componentes da lógica de forma a dar origem a *modos de raciocínio*, que dão sentido à argumentação. Para ele, a afirmação de partida pode estar baseada em silogismo, pragmática, cálculo ou dedução condicional. A asserção de chegada – explicação - estaria estruturada nos mesmos modos de raciocínio do texto. A associação pode fazer uso da *Conjunção*, da *Causa* ou da *Consequência* como encadeamento, também pode ser associação dos contrários, do idêntico. Quanto aos modos de raciocínio, ele diz que podem ser: Dedução – por silogismo, pragmática e condicional; Explicação – por silogismo, pragmática, por cálculo e hipotética; Associação – dos contrários, dos idênticos; e Escolha alternativa – incompatibilidade, escolha entre positivo / negativo, escolha entre duas negativas, escolha entre duas positivas.<sup>62</sup>

A Retórica tem faculdade de fornecer argumentos. Aristóteles chama o exemplo de indução oratória. Diz, ainda, que há exemplo na Retórica e que “Se, partindo de certas premissas, o resultado for uma consequência nova e diferente, mercê do alcance universal ou geral das premissas, temos o que, num caso<sup>63</sup>, se chama silogismo, e, no outro<sup>64</sup>, entimema<sup>65</sup>”. (2005, p. 34). No trecho “Ouvistes o que foi

<sup>62</sup> 2009, pp. 214-221.

<sup>63</sup> Refere-se a “Indução na Dialética” - Aristóteles.

<sup>64</sup> Refere-se a “Exemplo na Retórica” - Aristóteles.

<sup>65</sup> “no aristotelismo, silogismo formulado apenas em função de seu efeito retórico, carente de rigor formal, por elidir premissas consabidas, ou rigor teórico, por utilizar argumentos apenas prováveis”. (Houaiss -versão online, 2010).

dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela”<sup>66</sup> percebemos que parte do exemplo daquilo que foi dito<sup>67</sup> para entrar com a proposição de que a intenção produz o mesmo efeito da ação, e para lançar a proposição é utilizada a linguagem figurada. Parte daí a importância de descobrir as possibilidades de sentido para “cometer adultério no coração”, que trabalharemos no capítulo cinco desta pesquisa.

A Retórica possui a capacidade de transitar no plano teórico de maneira a produzir a persuasão, descobrindo os elementos que produzirão esse convencimento e comprovando seus resultados. Falando das provas empregadas pela Retórica, Aristóteles aponta as que dependem da arte e das que não dependem, e acrescenta:

Chamo de provas independentes da arte todas as que não foram fornecidas por nós, mas que já preexistiam, por exemplo, os testemunhos, as confissões obtidas pela tortura, as convenções escritas e outras de igual espécie. Constituem provas dependentes da arte todas as que podem ser fornecidas pelo método e por nossos próprios meios. Quanto às primeiras, basta que nos utilizemos delas; quanto às outras, precisamos de as encontrar. (2005, p. 33)

Aristóteles distingue em espécies as provas fornecidas pelo discurso. São elas: aquelas que residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições criadas no ouvinte; e as que residem no próprio discurso, e aqui ele utiliza o termo *discurso* para se referir ao texto – o que é demonstrado, e também o que parece demonstrar – o discurso como utilizamos em nossa pesquisa e que tem sido alvo de estudo de pesquisadores nas últimas décadas. O autor atribui ao caráter do orador um papel de grande importância na persuasão, porque o fator confiança age na disposição do ouvinte. E conclui dizendo: “Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade [...]”. (2005, pp. 33, 34). Nesse sentido, temos, no material de estudo do Discurso Religioso, o que para uns é a verdade, para outros, o que parece ser a verdade e, ainda, para outros, ficção.

---

<sup>66</sup> Mateus 5.27, 28 – João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

<sup>67</sup> “proposições já demonstradas” (Aristóteles, 2005, p. 35).

Então, temos, nas disposições do ouvinte – enunciatário – variação de percepções. Mas essa variação enriquece a interpretação, especialmente no que diz respeito à linguagem figurada que, já carrega em si a multiplicidade de sentidos.

Em relação ao caráter do enunciador, as disposições do enunciatário e o conjunto de valores argumentativos, Meyer os coloca nos seguintes termos: *éthos* – (para os gregos) a imagem de si, o caráter, a personalidade, os traços de comportamento, a escolha de vida e dos fins (daí a palavra ética) – a imagem que o orador passa de si mesmo. Confere ao orador autoridade. O *éthos* é a capacidade de pôr termo a uma interrogação potencialmente infinita; *páthos* – fonte das questões que respondem a interesses múltiplos – é o conjunto de valores implícitos das respostas fora de questão, que alimentam as indagações que um indivíduo considera pertinentes. É a dimensão retórica que comporta: as perguntas do auditório; as emoções que ele experimenta diante dessas perguntas e suas respostas; os valores que justificam a seus olhos essas respostas e essas perguntas; *lógos* – deve poder expressar as perguntas e as respostas preservando sua diferença. O *lógos* é tudo aquilo que está em questão. (2007, pp. 34-45)

Para compreensão do sentido, Aristóteles aponta o estilo escrito como o mais exato, ainda que o senso comum prevaleça no sentido de dar um caráter probatório. Assim, ele diz:

O que é justo e injusto foi definido de duas maneiras, relativamente às leis e às pessoas. Digo que, de um lado, há a lei particular e, do outro lado, a lei comum: a primeira varia segundo os povos e define-se em relação a estes, quer seja escrita ou não escrita; a lei comum é aquela segundo a natureza. Pois há uma justiça e uma injustiça, de que o homem tem, de algum modo, a intuição, e que são comuns a todos, mesmo fora de toda comunidade e de toda convenção recíproca. (2005, p. 80)

Há, porém, considerações que devem ser feitas em relação as possibilidades de interpretação. Perelman diz que

A oposição entre o dado e o construído, do ponto de vista da argumentação, é relativa: permite separar os elementos sobre os quais existe um acordo daqueles que resultam de uma interpretação – que, até nova ordem, é unívoca e indiscutida. Mas, a este propósito, há que distinguir a escolha entre interpretações do mesmo nível, a maior parte das vezes incompatíveis [...]. (1993, p. 61)

Também é ele que diz que o argumento pragmático permite olhar os fatos e avaliar suas consequências, que seria uma forma de avaliação das premissas. Poderia ser um padrão de escolha para adesão ou não de uma argumentação, acontece, entretanto, de nem sempre o que parece bom para um ser é necessariamente bom para todos, levando em consideração a pragmática. Ainda assim, há um sistema de valores de justiça e injustiça que tenta minimizar as diferenças interpretativas, que também vai depender do objeto focalizado na atividade discursiva. Emerge daí a importância das construções linguísticas como manifestação dos valores sociais que ficam impregnados na comunicação, seja de forma direta ou indireta.

Desde a antiguidade já se percebia que o uso do léxico era determinado pela vida em sociedade, pela política e pela literatura. (BRANDÃO, 1989, p. 14) O desafio enfrentado pelo escritor, ao longo dos anos, foi produzir um efeito persuasivo sem deixar que o leitor notasse, e isso implicaria em usar uma linguagem que se aproximasse tanto da realidade que nem sequer fosse notada como linguagem alternativa. As figuras exigem do leitor a experiência sensível, estabelecendo uma busca de compreensão em valores mais profundos do ser humano. Nem sempre as teorias retóricas distinguem com perfeição as expressões de sentido próprio e as de sentido figurado. (1989, p. 12) O uso de figuras de linguagem é tão constante que alguns autores preferem deixar o estudo apenas no campo literário, porém, sabemos que a linguagem não pode se limitar apenas a uma de suas manifestações. Assim também, a gramática toma o mesmo rumo quando separa as figuras dos vícios de linguagem.

O raciocínio argumentativo trabalha com as diferenças que produzem novos juízos, e nesse sentido a linguagem figurada tem grande força por apresentar uma nova pergunta que produzirá uma resposta mais ampla, sem que, necessariamente, tenha

que se decidir por uma só interpretação. Sobre o texto, Meyer diz que responde e, ao mesmo tempo, produz perguntas, assim como o leitor que

[...] deve responder às questões do texto, mas é ainda o texto a fonte e a garantia das respostas. [...] O texto é cheio de símbolos a serem decifrados, como um código ou uma mensagem secreta. O literal é incompleto ou obscuro, contraditório, ou mesmo inverossímil, como alguns episódios da Bíblia: para que eles façam sentido, é portanto preciso reinterpretá-los, sobretudo se for a mensagem divina que estiver em questão. A transcendência de Deus implica a transcendência do sentido. (2007, p. 105).

Quanto à construção do texto para efeito de sentido, Aristóteles entende que “Desviar uma palavra de seu sentido ordinário permite dar ao estilo maior dignidade.” (p. 176). Para ele

O termo próprio, o vocábulo usual e a metáfora são as únicas expressões úteis para o estilo do discurso puro e simples. O que o confirma que elas são as únicas a serem utilizadas por toda a gente; não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais. (p. 176)

E sobre as escolhas, ele entende que “[...] uma palavra é mais própria que outra, aproxima-se mais do objeto e é mais capaz de o pôr diante de nossos olhos.” (p. 178). O descortinar dos sentidos é privilégio de uma linguagem que não se basta, que transpõe os limites do pensamento e recria o que já se pensava criado. O *Sermão do Monte* apresenta uma grande riqueza poética, ainda que em diversas versões, fazendo uso constante da linguagem figurada.

## 4 Configurações do *corpus*

### 4.1 A Retórica em *O Sermão do Monte*

*O Sermão do Monte* é provavelmente um dos trechos mais conhecidos da Bíblia, que aparece apenas no livro de Mateus. Seu texto é fonte de conselhos que visam a orientar os seguidores do Cristianismo. Portanto, tem propósito persuasivo. Entre as figuras que aparecem nesse trecho, a principal delas é a metáfora.

A palavra “metáfora” é de origem grega e significa mudança, transposição<sup>68</sup>. Brandão define a metáfora como a figura que se caracteriza por manter uma relação de semelhança entre duas significações em que a de sentido próprio possa ser substituída por outra, figurada (1989, p. 19). Alguns entendem a metáfora pela semelhança – traço comum - que torna possível a substituição, outros pela impertinência. De qualquer forma, só é possível identificar o sentido de imediato se o traço de semelhança for do conhecimento do enunciatário e do enunciador; se for do conhecimento apenas do primeiro, teremos um enigma, que, dependendo do propósito do texto, pode tornar a comunicação defeituosa.

Pires-de-Melo atribui à metáfora uma relação de complexidade e ligação com outras figuras de Semântica – alegoria, metonímia, símbolo – e com algumas de imagística – símile, imagem, e nesse aspecto a metáfora tem um papel central entre as figuras de linguagem (2001, p. 90). O símile, por exemplo, se assemelha à metáfora no sentido da comparação, mas que não é implícita, ela se faz mais claramente, enquanto a metáfora apresenta uma comparação de forma subjetiva. A comparação que envolve elementos da mesma espécie não se constitui uma figura, mas quando a comparação envolve elementos de espécies diferentes causa uma impertinência que é registrada como figura, exemplo disso vemos em “Considerai como crescem os lírios do campo [...] nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como qualquer

---

<sup>68</sup> Houaiss - versão online, 2010.



deles” – a comparação entre a forma dos lírios se vestirem com a vestimenta real não é feita a partir do sentido próprio para o termo vestimenta ao se referir aos lírios.

Alguns autores consideram a metáfora como uma comparação não expressa. Mas considerar uma metáfora como uma comparação, ainda que não expressa, parece soar como uma ideia metafórica. Tomemos como exemplo, do texto de Mateus, o sintagma “Vós sois o sal da terra”<sup>69</sup> – ao se dirigir a pessoas e dizer que elas são o ‘sal da terra’ não há uma comparação explícita, porque já afirma que é; implicitamente temos a entender que há algum ponto característico do sal que deve ser tomado para identificar o sentido, mas não precisamos necessariamente comparar pessoas com o sal, porque poderíamos começar a pegar características do sal de forma aleatória para compreendermos o sentido. É necessário tomar o sintagma dentro da estrutura do texto, encontrar as conexões de sentido para então entendermos as possibilidades de significações que o sintagma oferece.

Manosso, em seu ensaio *Elementos de Retórica*, diz que a hipérbole é “um caso especial de metáfora, usada para passar uma impressão de grau extremo em que o comparante caracteriza-se por ser um extremo em relação ao comparado”.<sup>70</sup> Nesse mesmo texto ele também diz que a hipérbole apela para o maravilhoso, um exemplo para isso seria quando Jesus diz “Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti”<sup>71</sup>.

Sobre a personificação ou prosopopéia, Pires-de-Melo nos fornece uma conceituação abrangente para análise:

Em sua plenitude, é a atribuição de qualidades humanas a seres irracionais, inanimados, ausentes, fictícios, ou abstratos mas, na prática, a atribuição de vida a seres que dela não são dotados parece suficiente para caracterizá-la, embora de maneira imprecisa. O mais comum é que a personificação decorra da presença de verbos que expressem entendimento ou o exercício de ações inerentes aos seres humanos (pensar, falar, ler, contar) aplicados

<sup>69</sup> Mateus 5.13 – João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada.

<sup>70</sup> MANOSSO, Radamés. *Elementos de Retórica*. Disponível em: <<http://radames.manosso.nom.br/retorica/metafora.htm>. Acesso em 12 dez. 2010>. Acesso em: 12 ago. 2010.

<sup>71</sup> Mateus 5.29

a seres de outra natureza ou mesmo abstratos ou ausentes (animais, plantas, o mar, o vento, etc.). (2001, p. 125).

Algumas vezes essa figura constrói-se muito próxima da metáfora a ponto de apresentar dúvida quanto à classificação, mas, em geral, é possível notar a impertinência na associação da ação com um ser que não age no sentido atribuído. Em Mateus, capítulo 6, verso 3, temos “[...] ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita” – o verbo ignorar certamente não é de uso comum para atribuir a ação de uma das mãos, dá-se, então, a prosopopéia.

A anáfora é registrada por diversos autores como a repetição de uma mesma palavra ou expressão no início de versos e frases para reforçar o sentido, contribuindo para maior expressividade. Outras figuras são apontadas por Pires-de-Melo como portadoras do efeito de expressividade pela repetição<sup>72</sup>. Na introdução do *Sermão do Monte*, o uso de repetição trabalha nesse efeito de expressividade.

A metonímia é construída a partir de um termo que está em lugar de outro, estabelecendo uma dependência entre o termo usado e o representado. Em alguns casos é simples identificar o uso da causa pelo efeito, do conteúdo pelo continente, da obra pelo autor, ou, ainda, da causa pela consequência. Outros, porém, apresentam desafios interpretativos, como é o caso de Mateus 5.10, que será visto mais detalhadamente na análise.

Essas e outras figuras que aparecem em *O Sermão do Monte* além de indicar mudança de sentido, também apresentam complementação de sentido, porque atribui ao texto no contexto imediato e no todo da Bíblia. Outros textos da Bíblia fazem uso do discurso desse sermão, como é o caso da passagem de Filipenses 2.15: <sup>73</sup>“para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como *luzeiros no mundo*<sup>74</sup>”. Esse texto é escrito mais tarde pelo apóstolo Paulo, que reproduz o

---

<sup>72</sup> 2001, pp. 57-69.

<sup>73</sup> Versão Almeida Revista e Atualizada.

<sup>74</sup> Grifo nosso.

discurso que aderiu, mantendo a figura de linguagem. Em uma pesquisa mais abrangente, trechos assim podem contribuir para complementação de sentido ou, ainda, possibilidades de interpretação.

Não apenas o texto do sermão, como toda a Bíblia vem passando de geração em geração, resultado também do sentido de valor literário contido em suas páginas. Interessa-nos registrar alguns pontos do histórico das traduções que analisaremos para, nas considerações finais, retomarmos os propósitos para os quais essas traduções foram feitas e verificarmos se, dentro do que constatamos, percebemos aspectos que comprovem ou não a efetividade desses propósitos.

#### **4.2 Breve histórico das traduções do texto bíblico**

É de conhecimento geral que a Bíblia não foi escrita originalmente em português. Para que a Bíblia chegasse até as pessoas, fez-se necessária a tradução do hebraico, do aramaico e do grego para diversas línguas. Brasil e Portugal são os principais responsáveis pelas traduções para o português, que foram feitas nos últimos três séculos. A tradução de textos bíblicos começou na Idade Média, ainda que nesse período não fosse possível a impressão dos textos. Desde o tempo do Rei Dom Dinis (1279-1325) que são registrados trechos traduzidos para o português, inclusive o próprio rei traduziu alguns textos. Foram traduções feitas a partir da Vulgata<sup>75</sup> e que contemplava apenas os primeiros vinte capítulos de Gênesis. Esse trabalho de tradução precedeu os demais, como o de John Wycliffe, que traduziu a Bíblia para inglês em 1380. Trechos da Bíblia foram sendo traduzidos ao longo do tempo por líderes católicos, reis e outros que tinham interesse em que a Bíblia fosse traduzida para o português.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Versão em latim do século IV feita por Jerônimo, aceita como versão oficial da Igreja Católica Romana no fim do século XVI.

<sup>76</sup> SEIBERT, Erní Walter. *Fórum de Ciências Bíblicas. Vol. 1: Historiografia das traduções da Bíblia para o português*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. pp. 81-101.

As primeiras traduções feitas para francês datam entre 1100 e 1200 d.C.; italiano, espanhol e holandês - entre 1200 e 1300 d.C.; alemão e inglês - entre 1300 e 1400 d.C. A primeira obra dos evangelhos em português foi a Vida de Cristo publicada em 1495 por ordem da rainha de Portugal, D. Leonor, esposa do rei D. João II (1455-1495). Foi preparada por Valentim Fernandes da Morávia e Nicolau da Saxônia, tendo como base o Evangelho de Mateus. Dez anos mais tarde, ela mandou publicar Atos, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas. Também em 1495, Gonçalo Garcia traduziu e publicou partes dos evangelhos e das epístolas para uso em reuniões na igreja.

João Ferreira de Almeida<sup>77</sup> é dos mais conhecidos tradutores da Bíblia, tendo iniciado seu trabalho de tradução a partir do espanhol para o português. Mais tarde, usou traduções em latim, francês, italiano e holandês para seu trabalho de tradução. Antes de publicar o Novo Testamento, em 1681, já tinha aprendido um pouco de grego. Seibert registra o que estava escrito na folha de rosto dessa edição:

Novo Testamento. Isto He. Todos os sacrosantos livros e escriptos evangélicos e apostólicos do Novo Concerto de nosso fiel Senhor Salvador, e Redemptor Jesus Christo, agora traduzidos em portuguez pelo padre João Ferreira A. d'Almeida. Ministro Prégador do Santo Evangelho. Com todas as licenças necessarias. Em Amsterdam, Por viúva de J. V. Someren. (2006, p. 87).

Essa pode ser considerada uma forma de apresentar a autoridade do conteúdo do texto não apenas atribuindo autoria àqueles que andaram com Jesus como também definindo a identidade do próprio Jesus. Antes de falecer em 1691, João Ferreira de Almeida conseguiu traduzir o Novo Testamento inteiro e o Antigo Testamento até o último capítulo de Ezequiel. O Antigo Testamento foi publicado em dois volumes, em 1748 e 1753, e a Bíblia em um só volume em 1819. A Igreja em Portugal lutou para não permitir que as Escrituras fossem publicadas na língua do povo. Dizia que as versões eram falsas.<sup>78</sup> Embora outras versões tenham surgido, a obra de Almeida

---

<sup>77</sup> Nasceu em Torre de Tavares, no atual Conselho de Mangualde – Portugal, em 1628. Com 16 anos começou a traduzir as Escrituras.

<sup>78</sup> EKDAHL, Elizabeth Muriel. Versões da Bíblia – Por que tantas diferenças? São Paulo: Vida Nova, 1993.

teve a preferência dos leitores para o português. E o objetivo principal de tantas versões foi o desejo de ver chegar à mão de todos o conhecimento do conteúdo da Bíblia a partir da língua mãe de cada povo. Seus textos eram usados para direcionar a propagação do Cristianismo, assim como educar o povo.

A expressão *Textus Receptus* (Texto Recebido) é utilizada para designar os manuscritos aceitos pela Igreja, que é do tempo de João Ferreira de Almeida. Texto Crítico é a expressão utilizada para designar os manuscritos achados em tempos mais recentes, porém considerados os mais antigos. Todos os autores das traduções procuraram manter o significado, mas alguns procuraram preservar a forma original, o que nem sempre gerou uma leitura natural para os leitores do português. Outros, porém, procuraram elaborar um texto natural em que a leitura fosse mais clara e plena de significado. Para efeito de estudo em busca do conhecimento do conteúdo bíblico, a versão mais próxima do texto original ajuda mais – para o povo em geral, é mais fácil compreender as versões que usam uma forma mais natural de expressão em português. A versão melhor para cada caso depende de quem vai usá-la e do uso que queira fazer dela.

Ekdahl aponta alguns critérios para escolha da versão de acordo com o propósito da leitura. Destacamos apenas as versões que consideramos em nossa análise.

A Bíblia na Linguagem de Hoje e a Nova Versão Internacional são consideradas mais convenientes para leitores que estejam inseridos nos seguintes critérios:

- a) alguém que tenha um bom conhecimento da Bíblia e do português e queira sentir o mesmo prazer que os leitores do original sentiram - lendo uma versão clara e natural, na própria língua - mesmo que o conteúdo de certos trechos não seja de fácil compreensão;
- b) alguém que deseje ler um livro inteiro da Bíblia de uma só vez;

- c) alguém com pouco interesse pela Bíblia ou que a esteja lendo pela primeira vez, como, por exemplo, um interessado no evangelho ou alguém começando a freqüentar uma igreja;
- d) alguém que queira entender melhor certo trecho.

Uma vez que a Bíblia na Linguagem de Hoje foi escrita de maneira mais simples do que as outras versões, usando um vocabulário bem conhecido por todos, tem sido considerada apropriadas também para os seguintes leitores:

- crianças;
- pessoas cuja língua materna não seja o português ou que não tenham muita leitura no português literário;
- pessoas não acostumadas à linguagem figurada;
- pessoas com menos conhecimento da cultura bíblica.

Para as versões João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada e a Nova Versão Internacional:

- a) um estudo detalhado da Bíblia, como no preparo de uma mensagem ou para um grupo que esteja estudando a Bíblia;
- b) uma pessoa que já conheça bem a Bíblia;
- c) ajudar, às vezes, a entender as razões das diferenças entre as versões. (1993, pp. 100-105).

É interessante notar que a Nova Versão Internacional está nos dois grupos por seguir uma forma natural ao português e ao mesmo tempo procurar ficar bem perto

do significado do original. Quando há diferenças de interpretação, muitas vezes coloca-se uma delas no texto e outra no rodapé.

A versão da Bíblia João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada no Brasil foi preparada pela Sociedade Bíblica do Brasil<sup>79</sup>, lançada em 1959. Seibert registra os dois objetivos dessa versão: “uma nova tradução das Santas Escrituras mais acurada consoante às línguas originais e redigida em português mais condizente com o linguajar destes dias.”<sup>80</sup> Em 1993 foi publicada a segunda edição em virtude de mudanças ocorridas na língua portuguesa. Várias revisões foram feitas a partir do original, a primeira para corrigir erros gráficos, depois, por motivos diversos. Existem também outras editoras que utilizam a versão Almeida. Falando a respeito da tradução feita por João Ferreira de Almeida, Scholz diz que o tradutor tinha domínio linguístico e que o português dele é mais semelhante ao brasileiro do que ao português de Portugal, tornando-se o seu texto reconhecidamente importante para estudar a língua portuguesa do século XVII.<sup>81</sup>

A Nova Versão Internacional foi publicada em 2001. O prefácio dessa edição traz algumas informações de interesse geral para compreensão do processo de tradução para a língua portuguesa. Essa versão foi traduzida a partir das línguas originais, promovida pela Sociedade Bíblica Internacional<sup>82</sup>, em um trabalho que durou dez anos e que reuniu uma equipe composta por tradutores brasileiros e estrangeiros. Seu prefácio diz que “O propósito dos estudiosos que traduziram a NVI foi somar à lista das várias traduções existentes em português um texto novo que se definisse

---

<sup>79</sup> “Entidade criada por líderes cristãos, fundada em 10 de junho de 1948, no Rio de Janeiro [...] para atividades de tradução, produção e distribuição da Bíblia em todo o território brasileiro. [...] Faz parte das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), uma aliança mundial de entidades, cuja fundação remonta ao século XIX e que foi criada com o objetivo de facilitar o processo de tradução, produção e distribuição das Escrituras Sagradas por meio de estratégias de cooperação mútua. As SBU congregam 145 Sociedades Bíblicas, atuantes em mais de 200 países e territórios, que são orientadas pela missão de promover a maior distribuição possível de Bíblias, numa linguagem que as pessoas possam compreender e a um preço que possam pagar.” - Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, Disponível em: <http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=3>. Acesso em: 10 dez. 2010.

<sup>80</sup> “Apresentação da Edição Revista e Atualizada”, **A Bíblia Sagrada**, 1959 – em Seibert, 2006, pp. 89.

<sup>81</sup> SCHOLZ, Vilson. *Fórum de Ciências Bíblicas. Vol. 1: Historiografia das traduções da Bíblia para o português*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. pp. 7-35

<sup>82</sup> Organização que visa a tornar a Bíblia acessível, distribuindo exemplares, apresentando texto forma compreensível à sociedade atual, através da utilização de linguagem compreensível. - Sociedade Bíblica Internacional, 2010, Disponível em: <http://www2.uol.com.br/bibliaworld/nvi/sbi.htm>. Acesso em: 10 dez. 2010.

por quatro elementos: *precisão, beleza de estilo, clareza e dignidade*.<sup>83</sup> Vale citar também trecho do prefácio que esclarece o trabalho de tradução realizado:

A NVI define-se como tradução evangélica, fiel e contemporânea. Seu alvo é comunicar a Palavras de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto os exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores. Por essa razão, alguns trechos bíblicos foram traduzidos com maior ou menor grau de literalidade, levando sempre em conta a compreensão do leitor. O texto da NVI não se caracteriza por alta erudição vernacular, nem por um estilo muito popular. Regionalismos, termos vulgares, anacronismos e arcaísmos foram também deliberadamente evitados.<sup>84</sup>

Também é da lavra dessa comissão que “Os enfoques teológico, lingüístico, histórico, eclesiástico e estilístico sempre encontraram espaço na avaliação das decisões do grupo”. Essa comissão enumera como peculiaridades da NVI os seguintes itens: fluência de linguagem – reconhecendo a diferença da sintaxe do português atual em relação às línguas originais entenderam não ser possível manter a estrutura frasal dos originais; nível de linguagem – a linguagem foi definida conforme o contexto; imparcialidade teológica – não segue qualquer padrão particular de segmento religioso; atenção aos diferentes gêneros de composição – divisão em versículos, estruturação textual padronizada, divisão em parágrafos e diagramação distinta para estilos narrativo, poético e epistolar; honestidade científica – procura ser inteiramente fiel ao sentido do texto original; riqueza exegética – procura explicitar o campo semântico de determinadas palavras e a função de algumas construções gramaticais; notas de rodapé – aborda questões de crítica textual, outras possibilidades de tradução, explicações e opção literal da tradução; pesos e medidas – esses elementos são adequados aos valores da época atual para melhor noção de distâncias e valores; e a relação com a *New International Version* – a versão em português segue o mesmo ponto de partida, a filosofia de tradução é parecida, apenas algumas opções exegéticas foram tomadas da versão internacional.

---

<sup>83</sup> BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. Tradução da Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

<sup>84</sup> Comissão de Tradução NVI. “Prefácio à NVI”.



Sobre a Tradução na Linguagem de Hoje, Seibert afirma: “foi a primeira que empregou os princípios de tradução por equivalência funcional ou dinâmica para o português”. (2006, p. 97). Essa versão é resultado de um projeto que teve início na década de 1970, primeiro apresentado apenas o Novo Testamento e só 1988 é que foi feita a versão completa da Bíblia. A reação dos leitores mais conservadores foi de rejeição, por se aproximar muito da linguagem popular, mas com o tempo foi ganhando admiradores pela facilidade de compreensão que apresenta. Depois de considerar algumas sugestões sobre o texto, a Sociedade Bíblica do Brasil ajustou o texto para a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, lançada em 2000. Depois da Almeida é a tradução mais usada pelo povo de língua portuguesa. No prefácio da edição 2000 informa que por ser seu objetivo principal a evangelização<sup>85</sup> do povo brasileiro, a tradução procura ser adequada ao nível educacional médio da população.

O histórico das traduções permite uma visão de constituição dos textos que facilita uma interpretação que focalize a forma em confluência com seus objetivos. Por outro lado, também levanta questões a respeito de possíveis problemas de tradução que possam ter interferido no resultado final, especialmente no que diz respeito às figuras de linguagem. Se as soluções para traduzir alguns trechos teriam conduzido para a eliminação de algumas figuras ou se termos foram substituídos para dar mais clareza ao texto. Não nos deteremos tanto nesse processo de escolha e, sim, na comparação das versões, antes, porém, verificamos alguns pontos problemáticos que ficam distantes da visão do leitor comum em textos produzidos a partir de traduções.

---

<sup>85</sup> A versão online do dicionário Houaiss registra o significado do termo como “difundir os ensinamentos do Evangelho” - Acesso em: 10 dez. 2010. Vale ressaltar que a missão evangélica, não denominacional, AMME Evangelizar difunde entre igrejas evangélicas a definição de evangelização como “tornar conforme o Evangelho”, o que representa mais do que divulgar ideias, se refere a estabelecer um padrão de comportamento de acordo com os ensinamentos que são divulgados.

### 4.3 De um texto para um novo texto

O trabalho de tradução envolve não somente palavras, também conceitos. Esses conceitos serão formulados à medida que o tradutor utiliza seu repertório discursivo para transmitir o que entende ser o conteúdo do texto a ser transposto para outra língua. É natural que o povo de uma determinada nacionalidade se expresse de maneira diferente de outros povos, porque a linguagem é fruto da cultura, e são culturas diferentes, conseqüentemente, maneiras de pensar diferente. Traduzir é mais do que mudar palavras de uma língua para outra, é, principalmente, transmitir ideias. Um exemplo dessa maneira de ver as palavras e atribuir sentido está na frase “I don’t blame you!” que um brasileiro diria “Você tem toda razão!”. Outro exemplo é como o inglês utiliza demasiadamente o *you* com sentido genérico, enquanto em português seria usado “nós”, ou “a gente”, “ou alguém”, ou “ninguém”.<sup>86</sup> Muitas vezes, para dar o sentido certo ao texto traduzido, não se pode dar o primeiro sentido apresentado pelo dicionário, prova disso são os problemas de traduções feitas por alguns programas de tradução da internet, em que há simplesmente uma troca de palavras de uma determinada língua para termos correspondentes em outra. O contexto favorece a compreensão de um dado termo, por isso a tradução precisa ser feita considerando o todo, afinal, a tradução é uma forma de interpretação do texto. Também não é possível traduzir pensando no que o autor quis dizer, porque as escolhas linguísticas irão determinar o que ele disse de fato ou o que ele pode ter dito. O ideal da tradução sempre é trabalhar pelo mínimo de perda possível.

Ao realizar uma tradução, aquele que o faz certamente terá que fazer escolhas não somente quanto às palavras que se apliquem dentro do contexto, também a respeito de inversão de termos dentro da frase para facilitar a fluência ou compreensão, fazer arranjos quanto à ordem das orações dentro de um período, inverter a disposição de orações dentro de parágrafos, agrupar frases ou partes de orações em arranjos diferentes do original para dar mais sentido, reorganizar o períodos em menores ou maiores, conforme a necessidade da edição do texto, modificar sentenças de forma

---

<sup>86</sup> LINS, Talitha Myrian. *Guia Prático de Tradução*. Belo Horizonte: Betânia, 2004. p. 13.

a fazer mais sentido – de negativa para afirmativa ou vice-versa, interrogativas em afirmativas ou vice-versa, diminuir ou aumentar palavras etc. Também há de se achar solução para as expressões idiomáticas que não fazem sentido quando traduzidas. Quanto às figuras de linguagem as opções podem ser manter ou explicar a ideia contida – o que representa uma perda porque, muitas vezes, o sentido da figura pede mais de uma explicação. Quando falamos “é preciso ter jogo de cintura”, por exemplo, não seria fácil a compreensão para determinadas culturas, cabe a explicação, mas a explicação tira a beleza de compreender todo o jogo de ideias implícito na frase.

Por se tratar de texto confessional, a Bíblia é vista, por muitos, como a perfeita revelação de Deus – assim é para os que creem; para outros, literatura reconhecidamente de grande valor literário, prova disso é sua preservação, ainda que sob a reconstituição do texto em versões diversas. Ao traduzir, alguns textos apresentam dificuldades para o tradutor, e isso leva à procura de soluções para completar o trabalho de tradução; as soluções podem variar de estudioso para estudioso, mas em geral não há perda de sentido para o texto. Alguns tradutores mudam a forma para valorizar o significado, tornando mais claro para o leitor. Daí surgem diferenças que modificam sensivelmente o sentido do texto. A cada versão, os editores procuram encontrar soluções para esses problemas, mas sem dúvida a escolha ainda é o elemento que vai dar direção não apenas à forma, também afetará o implícito, que é a expressão do discurso do tradutor. Quão diferente pode se apresentar um texto de suas outras versões é algo que só pode ser verificado em uma comparação de versões, levando em consideração o resultado final em suas possibilidades.

Muitos estudiosos têm empreendido a jornada de estudo para produzir o texto que seja o mais próximo do original, mas cada um tem uma visão do que seja o mais exato, o que acaba gerando essas versões variadas. Algumas razões são apontadas para a constituição de textos tão diferentes:

1. seguem textos (manuscritos) diferentes;

2. a existência de palavras no grego e no hebraico que possuem mais de um significado, não sendo possível identificar, pelo tipo de texto, o verdadeiro sentido pretendido pelo autor do texto original – nem sempre é possível identificar pelo contexto.
3. diferença entre significado e forma – qualquer mensagem tem duas partes: o significado e a forma. A tradução deve trazer sempre o mesmo significado do original, mas nem sempre pode manter a forma, porque pode parecer sem sentido ou não seguir o sentido original.

A versão atualizada de Almeida seguiu o texto crítico, o que ocasionou diferenças entre ela e a versão corrigida. Algumas mudanças foram feitas para evitar combinações de palavras que não soavam bem e para ser igualmente mais fácil a compreensão, da leitura bíblica em reuniões nas igrejas. Às vezes, a versão atualizada segue uma forma mais natural do português, como "coração" em vez de "rins" ou "entranhas", ao falar do centro das nossas emoções. Os tradutores procuram preservar a linguagem figurada porque concordam entre si que será entendida. Além disso, o próprio contexto, em alguns versos, costuma explicar a linguagem figurada usando palavras que sejam de fácil compreensão. Da mesma maneira que um desenho pode auxiliar em uma explicação, também a linguagem figurada facilitará na compreensão de alguns assuntos. O conselho dado por Ekdahl é que, quando o leitor encontra figuras de linguagem, deve procurar descobrir como estão sendo usadas, e acrescenta que “[...] quando a linguagem é figurada, é bem possível que o significado não seja entendido se a forma não for modificada”. (1993, p. 51). Alguns exemplos disso é que, para a cultura brasileira, o centro das emoções é o coração. Para os gregos, as entranhas. Então, quando a palavra ‘entranhas’ não é usada para se referir a uma parte do corpo, a tradução mais natural no português é ‘coração’. Outro exemplo é que os hebreus costumavam dizer que os desejos vinham dos rins, usando essa palavra em sentido figurado. Para a cultura brasileira, os rins não têm valor figurativo, então não fará sentido traduzir dessa forma. O pão era a comida principal dos judeus e, assim, ‘pão’ representa a comida, o sustento da vida diária. Outro exemplo: ‘cingir os lombos’ – atitude de prontidão - os judeus

amarravam suas roupas quando queriam andar depressa para fazer alguma coisa. E, muitas vezes, o grego usa uma negação para dar mais ênfase na afirmação.<sup>87</sup>

Os mais conservadores diriam que, diante de tantas escolhas feitas pelo tradutor para dar sentido a um texto em outra língua que não seja aquela em que se produziu o conteúdo originalmente, não se conservará mais a essência do texto, mas todo texto é sujeito a interpretações e, ainda assim, há de se respeitar suas limitações. Uma tradução também não comporta qualquer interpretação, ela há de respeitar os limites que deem ao novo texto o sentido mais aproximado. Por se tratar de texto que pretende ser “universalizável”<sup>88</sup>, a fidelidade ao original é o objetivo principal de todos os tradutores de textos bíblicos, mas as traduções são compostas de forma diferenciada. Não nos interessa, nesta pesquisa, buscar o texto mais próximo do original, e, sim, verificar se a proposta de conter o mesmo sentido se mantém nos três textos comparados. Se em casos em que a figura de linguagem é mantida, mas outros termos são modificados, permanecem as mesmas possibilidades de sentido ou isso altera o produto final e o quanto esse produto final contribui como efeito retórico. Essa é a direção tomada pela análise que passamos a apresentar nas próximas linhas.

---

<sup>87</sup> Ekdahl, 1993, pp. 31-54.

<sup>88</sup> Ver item 3.1 “A linguagem para persuasão: origem e efeitos”.

## 5 Leituras multifacetadas de um conteúdo

### 5.1 Figuras e aspectos figurativos

Ainda que nossa tentativa seja seguir os passos de análise conforme levantamento teórico, é tarefa difícil retomar propostas de interpretação, porque

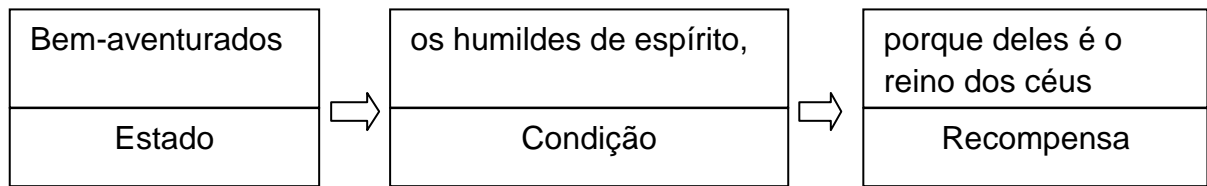
Na linguística, sempre temos dificuldade para entrar no campo da experiência empreendida por outro pesquisador. Não compreendemos os parâmetros da maneira pela qual nos são propostos e nunca estamos certos de poder reproduzir as operações de experimentação de uma maneira idêntica, isso porque raramente chegamos a um mesmo resultado. [...] Na linguística, nunca estamos certos de estar lidando com uma linguagem-objeto, com uma linguagem instrumento de análise ou com uma linguagem-instrumento de interpretação. (Charaudeau, 2009, p. 14)

Procuraremos, ainda assim, manter o foco nas diretrizes daqueles que, pelo estudo incansável, definiram propostas que norteiam um caminho facilitador para o desenvolvimento de interpretações no campo textual.

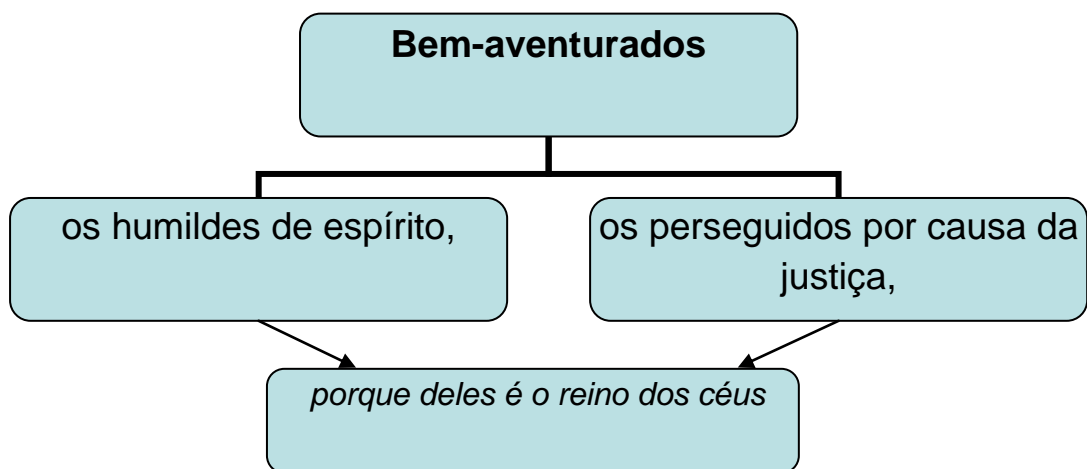
A apresentação do *Sermão do Monte* é feita no primeiro verso do capítulo 5 do Evangelho segundo Mateus, dizendo que, tendo visto a multidão, Jesus subiu ao monte e passou a ensinar aqueles que o seguiam. Do verso 2 até o 12, são apresentadas as bem-aventuranças, que relaciona a felicidade a algumas características que já estão sendo recompensadas ou que serão no futuro. De acordo com Silva (2007: p. 34), esse tipo de construção é uma figura de linguagem chamada “Macarismo”<sup>89</sup>. Tratar-se-ia de uma bênção ou louvação de alguém, em que a fórmula utilizada é “bem-aventurado quem...”, “feliz quem...”, “felicidade para quem...”. O esquema abaixo apresenta um exemplo da estrutura do texto:

---

<sup>89</sup> Palavra grega que significa “felicitação, bem-aventurança”.



Dentro dessa estrutura, é apresentado o estado que se pode alcançar de bem-estar, se atender a determinada condição que, por sua vez, irá gerar uma recompensa. Há um jogo de ideias que começa por apresentar ao enunciatário o benefício e só então apresentar a condição, e da condição para o resultado obtido. Considerando que o enunciatário constrói seu discurso evocando uma imagem do enunciador ao mesmo tempo em que produz sua própria imagem, é possível verificar que a construção linguística apela para o desejo de bem-estar que deve existir no receptor. A repetição da expressão em oito versos produz um efeito de destaque que revela a atitude perante aquilo que é dito – é passada a certeza de uma condição qualitativa na posição daqueles que atentem à categoria apontada.



90

Os dois versos acima fazem uso do mesmo sintagma: “deles é o reino dos céus”. A retomada da expressão no final das bem-aventuranças produz um efeito de confirmação, de retomada daquilo que foi afirmado no verso inicial desse bloco de texto. Ao lermos a expressão “deles é o reino dos céus”, não temos um sentido estabelecido pelo dicionário que nos possa fazer entender literalmente. Afinal, o que irão possuir aqueles que são humildes de espírito e perseguidos por causa da justiça? Um lugar fora do plano do mundo onde o reinado é estabelecido pela justiça? Um estado de equilíbrio da justiça? Essas possibilidades conduzem mais

<sup>90</sup> Versos 3 e 10.

para perceber uma impertinência no objeto possuído, porque emerge daí a questão “qual é o conteúdo de posse, de fato?”. A impertinência estaria, então, na condição de posse de algo que não se pode possuir e, sim, fazer parte; quem possui o reino é o rei - nesse caso, o próprio Deus anunciado por Jesus - como estabelecedor do reino, e, os que aderem ao reino seriam, por consequência, os súditos, não possuidores, mas possuídos, no sentido de terem suas vidas sob o controle do rei.

O termo “deles” indica, nesse caso, não uma posse, mas uma condição. Embora seja usado um termo que indica posse, o contexto discursivo apresenta qualificações que apontam para o enunciário como detentor do seu status. O uso do verbo “ser” no presente do indicativo também contribui para fortalecer a ideia de condição, porque não há registro de algo concreto representando o reino possuído. Ao elevar a condição de participante para possuidor de um reino, ainda que não visível, o enunciador retrata a importância daquele que aceita as suas proposições.

A NVI apresenta mudança ao optar por “[...] pois deles é o Reino dos céus” – enquanto a NVI usa o “pois”, a Almeida usa “porque”. Se tomarmos o uso desses termos como explicação para o fato mencionado anteriormente, na nossa recepção, enfraqueceria a ideia de que o conteúdo do texto contribui para persuadir. Tomados ambos os termos como conclusivos, reforçaria a posição de autoridade do enunciador e, portanto, contribuiria para o convencimento.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, <i>porque</i> deles é o <i>reino dos céus</i> .	Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, <i>pois</i> deles é o <i>Reino dos céus</i> .	Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, <i>pois</i> o <i>Reino do Céu é delas</i> .

91

---

<sup>91</sup> Cap. 5, verso 10.



A opção pela inicial maiúscula em Reino, na NVI, retoma o sentido de importância para aquilo que o enunciário fará parte, caso aceite a condição de se deixar perseguir por causa da justiça. A escolha da Nova Tradução na Linguagem de Hoje é “Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, pois o Reino do Céu é delas”. Esta versão, ao usar “felizes”, já contribui para produzir efeito persuasivo, porque a busca da felicidade é um assunto universal, de interesse geral, a condição já enfatiza o fazer a vontade de Deus – nesse caso substitui a palavra justiça -, que representa fazer a vontade do possuidor do reino e usa “Reino do Céu”. Além de ser o singular especificador, é escrito com os dois termos em maiúscula, produzindo um efeito discursivo de elevação do sentido. O que tomamos como figurado nas duas primeiras versões – “deles é” / “é delas” - perde no valor persuasivo porque aparece em ordem direta, no final, depois de outros termos que reforçaram sua posição dentro da construção frasal. Nesse trecho, embora a forma tenha aparência de semelhança, o discurso encerra sentidos, se não diferentes, mas com enfoques diferentes que podem se mostrar no efeito de refração por parte do enunciário. Isso ocorre porque, como vimos em nossa base teórica, as escolhas do enunciador podem produzir uma reflexão sobre o enunciado, a partir dos saberes e das crenças que circulam na sociedade.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Bem-aventurados os mansos, porque <i>herdarão a terra.</i>	Bem-aventurados os humildes, pois eles <i>receberão a terra por herança.</i>	Felizes as pessoas humildes, pois <i>receberão o que Deus tem prometido.</i>

A versão Almeida registra o que pode ser uma hipérbole ou metáfora no verso 5, do capítulo 5, ao dizer que “os mansos, herdarão a terra”. Se considerarmos uma hipérbole, temos o que pode ser um apelo para o maravilhoso<sup>92</sup>, ainda que tomemos a palavra terra como “grande extensão de terreno” e não como o planeta – neste caso seria grafada com maiúscula –, mas o termo é especificado pelo artigo. Ter por herança toda extensão da terra consiste em um aumento exagerado, uma vez que a

<sup>92</sup> Ver item 3.3 A Retórica no O Sermão do Monte.

promessa feita anteriormente ao povo de Israel<sup>93</sup> era apenas a faixa de terra que compreendia Canaã<sup>94</sup>. Ao contrário da NVI que estende a figura em uma explicação, ainda que mantenha o sentido de exagero, a Almeida opta por usar a figura de forma curta, o que contribui para maior resultado de compreensão retórica, porque produz um efeito mais rápido de surpreender o enunciatário. Nesse trecho, a Nova Tradução na Linguagem de Hoje substitui a figura por uma explicação que, para o enunciatário que não tiver conhecimento do texto bíblico em sua totalidade se torna uma incógnita: “receberão o que Deus tem prometido”. O texto não explica o que tem sido prometido, logo, não contribui muito para convencer o interlocutor, a menos que esse interlocutor esteja predisposto a aceitar o texto como verdade por entender o sentido dele. A possibilidade de ser uma metáfora nas versões Almeida e NVI se constituiria se tomarmos a versão na Linguagem de Hoje como uma explicação para as duas outras versões.

A opção pela hipérbole encontra reforço em nossa base teórica, porque, entre os saberes possíveis do enunciador, temos a história de um povo, Israel, em busca de uma terra prometida. A luta por espaço geográfico vem acompanhando a história desse povo, logo, não surpreenderia que a promessa de herança fosse apresentada como recompensa, revelando as concepções desse grupo na época da produção do discurso.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Bem-aventurados os que têm <i>fome e sede de justiça</i> , porque serão fartos.	Bem-aventurados os que têm <i>fome e sede de justiça</i> , pois serão satisfeitos.	Felizes as pessoas que têm <i>fome e sede de fazer a vontade de Deus</i> , pois ele as deixará completamente satisfeitas.

<sup>93</sup> Hebreus descendentes de Abraão, Isaac e Jacó, um povo escolhido por Deus para fazer a sua vontade e receber as bênçãos por Ele prometidas, segundo relata o livro de Gênesis e em I Reis 8.16.

<sup>94</sup> Canaã é a antiga denominação da região correspondente à área do atual Estado de Israel (inclusive as Colinas de Golã), da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, de parte da Jordânia (uma faixa na margem oriental do Rio Jordão), do Líbano e de parte da Síria (uma faixa junto ao Mar Mediterrâneo, na parte sul do litoral da Síria). (WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cana%C3%A3>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

No verso 6 do capítulo em estudo, a condição para o estado de bem-aventurança é expressa em forma figurada: “os que têm fome e sede de justiça” nas versões Almeida e NVI. Os termos “fome” e “sede” conduzem para o sentido de necessidade básica para sobrevivência e apresentam a impertinência naquilo que deve ser o alvo da fome e da sede, nesse caso, a justiça, e não comida e água, temos nessa impertinência uma metáfora. A Linguagem de Hoje toma o termo “justiça” como “fazer a vontade de Deus”. Nesse caso, a substituição de justiça pelo sintagma citado em lugar de explicar deixa uma lacuna que carece de uma explicação ou outras leituras para descobrir qual é a vontade de Deus que deve ser feita.

Na Almeida, a conclusão é feita reforçando a expressividade: “porque serão fartos” – o que retoma o termo “fome”. A NVI utiliza a ideia da expressão utilizada por brasileiros quando termina uma refeição e diz estar satisfeito – “pois serão satisfeitos” -, conduz o leitor a se ver em uma mesa tendo sua necessidade satisfeita, o que contribui imensamente para o efeito retórico; já na versão na Linguagem de Hoje, a conclusão é feita retomando primeiro a menção de “Deus” - “ele” -, depois, o sintagma “as pessoas” - “as” -, e, por fim, “deixará completamente satisfeitas”. O verbo “deixar” não nos parece comportar a mesma expressividade de ser, isso porque no uso coloquial o verbo deixar é usado no sentido de abandonar e o verbo ser tem sentido de estado ou condição. E é um enunciatório que tem seu repertório mais focado no coloquial que a versão pretende alcançar, aí vemos um enfoque que enfraquece a possibilidade de adesão. Também, ao dizer “completamente satisfeitas”, fica implícito que há a possibilidade de grau de satisfação. Como esta conclusão, diferente das outras duas encontradas pelas outras versões, opta por dizer que “ele as deixará completamente satisfeitas”, podemos entender que não será a justiça que “alimentará” diretamente, mas que Deus fará aquilo que promoverá a “completa satisfação”, e essa satisfação parece mais retomar o termo “Felizes”, do início do verso, do que fome, como vimos nas outras versões.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Bem-aventurados os <i>limpos de coração</i> , porque verão a Deus.	Bem-aventurados os <i>puros de coração</i> , pois verão a Deus.	Felizes as <i>peessoas que têm o coração puro</i> , pois elas verão a Deus.

No verso 8, vemos a expressão “limpos de coração”, na versão Almeida. Abreu<sup>95</sup> nomeia essa figura como metáfora de limpeza. A palavra “limpo” adquire um novo sentido, uma vez que o coração não está exposto à sujeira concreta, também o coração é tomado por nossa cultura como a fonte das emoções. Então, podemos inferir que essa limpeza trata da ausência de sentimentos considerados ruins e associados ao procedimento maldoso. A NVI mantém o sentido de limpeza, mas, ao usar a ideia de pureza, o sentido de não contaminação se sobressai. Para o enunciário da versão Almeida, a condição colocada é de não permitir que sentimentos ruins se instalem em sua vida, ou ainda, procurar tirar – o que seria a limpeza – de seu repertório os sentimentos ruins, maldosos. Já a NVI, ao tomar o termo “puro”, põe a ênfase em não ser contaminado, o que pode produzir no enunciário uma compreensão de que deve evitar tudo que possa contaminar seus sentimentos. A Linguagem de Hoje diz “as pessoas que têm o coração puro” – mantém a figura, mas os elementos que compõem a construção frasal em lugar de colocar ‘puros de coração’ ou ‘limpos de coração’ como estado – o que é feito nas duas primeiras versões – coloca como aqueles que possuem um coração puro, como se isso não fosse um estado, mas um elemento agregador. O enunciário é colocado mais à distância do seu “coração”, fazendo dele um possuidor mais do que ser ele próprio o modificador do seu estado intrínseco.

Um dos discípulos de Jesus, mais tarde, ao escrever uma de suas cartas, retoma o sentido de limpeza, do verso em análise, da seguinte forma: “Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça. Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes

<sup>95</sup> ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 1999.

achados por ele em paz, *sem mácula*<sup>96</sup> e irrepreensíveis.”<sup>97</sup> Também podemos inferir que o conhecimento que enunciador e enunciatário partilham contribui para o entendimento da linguagem figurada aqui utilizada. O registro que a Bíblia apresenta do relacionamento Deus/humanidade, anterior ao sermão, revela o uso de sacrifícios apresentados como presentes para Deus, que deveriam ser sem defeito.

## 5.2 A metáfora da influência

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
<i>Vós sois o sal da terra;</i> (13)	<i>Vocês são o sal da terra.</i>	<i>Vocês são o sal para a humanidade;</i>
<i>Vós sois a luz do mundo.</i> (14)	<i>Vocês são a luz do mundo.</i>	<i>Vocês são a luz para o mundo.</i>
Assim <i>brilhe</i> também a <i>vossa luz</i> diante dos homens, para que <u>vejam as vossas boas obras</u> e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus. (16)	Assim <i>brilhe a luz de vocês</i> diante dos homens, para que <u>vejam as suas boas obras</u> e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.	Assim também a <i>luz de vocês deve brilhar</i> para que os outros vejam <u>as coisas boas que vocês fazem</u> e louvem o Pai de vocês, que está no céu.

Dos versos 13 a 16, são apresentadas duas metáforas do que é esperado daqueles que aderem à mensagem em relação ao mundo em que vivem. É importante ressaltar que o enunciador apresenta essas metáforas após dizer qual é o estado daquele que preenche as condições de bem-aventurança e que, conseqüentemente, receberá a recompensa proveniente de cada condição. Esse enunciatário é estimulado a se alegrar, a se sentir feliz porque sua recompensa é grande. Então, é feita a introdução do papel que é esperado desse enunciatário, por meio das figuras

<sup>96</sup> Sujeira, culpa ou defeito – Dicionário Bíblico online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/dicionario/?acao=pesquisar&procurar=m%E1cula&exata=on&link=bol&lang=pt-BR>>. Acesso em: 18 mai. 2011.

<sup>97</sup> II Pedro 3:13,14

sal e luz. O enunciador conta não só com a atenção do seu enunciatário por causa das recompensas prometidas como também considera que este aderiu ao seu discurso e pode, por consequência, se colocar na posição esperada, que seria de viver conforme as orientações dadas. Desde o início do texto, quando o sermão é apresentado, fica claro que o conteúdo é de cunho educativo. Por ter apelo à ação do enunciatário, ao afirmar que “são” sal e luz, pressupomos que a declaração encerra o acordo entre as partes. Outro fator que contribui para essa consideração é o fato de que comentaristas<sup>98</sup> atribuem o tempo desse sermão após a chamada dos discípulos. Se assim é, aqueles que ouviam já eram seguidores, portanto, aderiram aos ensinamentos que vinham recebendo.

Na versão Almeida, diz “Vós sois o sal da terra”; a NVI simplifica os termos iniciais para algo mais próximo do coloquial, mas mantém a figura: “Vocês são o sal da terra”; a Linguagem de Hoje diz “Vocês são o sal para a humanidade”. A busca de sentido nos faz atentar para o uso essencial do sal, que também o texto fornece informações – se perde o sabor não serve e não pode ser restaurado -, considerando, assim, a importância em manter suas propriedades.

Para transpor o sentido da figura para o valor real, precisamos considerar os elementos no contorno da figura. Considerando que a introdução do sermão já deu os elementos – condições para as bem-aventuranças - que consistem em ser presença agradável no mundo. O enunciatário desse discurso é tomado como aquele que age de forma a tornar a vida no mundo agradável para aqueles que estão a sua volta, por meio de suas ações.

No uso da palavra “terra” temos uma metonímia, o continente pelo conteúdo. É possível verificar esse sentido porque o enunciatário é convidado a ser agente de mudança interativa, e isso se faz no campo dos relacionamentos. O uso do verbo “ser”, no sintagma, reforça a condição de envolver os que estão à sua volta de maneira a passar suas “propriedades” para os demais. Na versão na Linguagem de Hoje, essa influência é *para a humanidade*. Essa versão elimina a figura de linguagem encerrada no uso da palavra “terra” e transpõe para o sentido próprio,

---

<sup>98</sup> Bíblia do Peregrino, 2006: p. 2325.

humanidade. Também faz uso do *para*, indicando que o modo de agir deve ser no sentido de alcançar a humanidade, todos os habitantes do mundo da classe humana.

O efeito retórico das duas primeiras versões não apenas contribui para o valor estilístico, mas amplia o sentido de valor da função daquele que é luz, porque o termo ‘terra’ amplia a expressividade pela visão extensa do campo de ação, ao passo que por humanidade podemos inferir todos os moradores do mundo ou aqueles que podemos ver. O termo “humanidade” coloca o enunciatário próximo de si mesmo ao considerar o outro, afinal, ele é parte dessa humanidade.

O mesmo processo ocorre com a metáfora “luz do mundo”, que se mantém assim nas versões Almeida e NVI e há uma mudança na Linguagem de Hoje, dizendo “para o mundo” em lugar de “do mundo”. A luz também é tomada por sua função essencial: iluminar. E tem sua constituição de sentido na mesma fonte que o termo “sal”, nas condições daqueles que desfrutam da recompensa das bem-aventuranças. Ser luz é, assim como ser sal, agir em conformidade com as orientações iniciais do sermão. Novamente, as versões Almeida e NVI fazem uso da figura “do mundo”, continente pelo conteúdo. A versão na Linguagem de Hoje, nessa estrutura, mantém a figura de linguagem, apenas usando *para o mundo* em lugar de *do mundo*. O efeito retórico, agora nas três versões, colabora para a valorização da resposta de adesão do enunciatário, deixando claro que a adesão colabora para a mudança de toda a sociedade e não apenas de alguns indivíduos. Esse apelo à ação do enunciatário é o que vimos em Durkheim: ao se sentir transformado, o homem procura transformar o meio que o cerca<sup>99</sup>.

O verso 16 retoma a metáfora da luz, explicando que ser luz - também comporta a significação, vista no parágrafo anterior, da metáfora do sal - é praticar obras boas. A metáfora desse trecho fornece ao enunciatário a visualização de sentido ao compará-lo implicitamente com elementos que são de grande importância para aqueles que fazem uso. De forma implícita é dito: sua maneira de agir pode fazer de você alguém muito importante para aqueles que estão a sua volta.

---

<sup>99</sup> Durkheim, 1989: p. 499.

### 5.3 Paralelismo de antíteses

Dos versos 18 até 45 de Mateus 5 há repetição de expressões que apelam para a autoridade do enunciário, conforme o esquema a seguir:

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Porque <i>em verdade</i> vos digo: (18)	<i>Digo-lhes a verdade:</i>	<i>Eu afirmo a vocês que isto é verdade:</i>
Porque <i>vos digo que</i> , (20)	<i>Pois eu lhes digo que</i>	<i>Pois eu afirmo a vocês que</i>
<i>Ouvistes que foi dito aos antigos:</i> (21)	<i>Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados:</i>	<i>Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados:</i>
<i>Eu, porém, vos digo que</i> (22)	<i>Mas eu lhes digo que</i>	<i>Mas eu lhes digo que</i>
<i>Em verdade te digo que</i> (26)	<i>Eu lhe garanto que</i>	<i>Eu afirmo a você que isto é verdade:</i>
<i>Ouvistes que foi dito:</i> (27)	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>
<i>Eu, porém, vos digo:</i> (28)	<i>Mas eu lhes digo:</i>	<i>Mas eu lhes digo:</i>
<i>Também foi dito:</i> (31)	<i>Foi dito:</i>	<i>Foi dito também:</i>
<i>Eu, porém, vos digo:</i> (32)	<i>Mas eu lhes digo que</i>	<i>Mas eu lhes digo:</i>
<i>Também ouvistes que foi dito aos antigos:</i> (33)	<i>Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados:</i>	<i>Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados:</i>
<i>Eu, porém, vos digo:</i> (34)	<i>Mas eu lhes digo:</i>	<i>Mas eu lhes digo:</i>
<i>Ouvistes que foi dito:</i> (38)	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>



<i>Eu, porém, vos digo:</i> (39)	<i>Mas eu lhes digo:</i>	<i>Mas eu lhes digo:</i>
<i>Ouvistes que foi dito:</i> (43)	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>	<i>Vocês ouviram o que foi dito:</i>
<i>Eu, porém, vos digo:</i> (44)	<i>Mas eu lhes digo:</i>	<i>Mas eu lhes digo:</i>

Essas expressões introduzem antíteses que se constituem entre o que o enunciador atribui ser do conhecimento do enunciatário e a nova concepção apresentada. Esse jogo de ideias apela para uso de algumas figuras que se intercalam produzindo um efeito simbólico bastante abrangente. Em uma cultura de tradição oral, retomar o que foi dito tem grande importância, também reforça o fato de enunciador e enunciatário partilharem o mesmo conhecimento, porque a compreensão exige repertório. O elemento complicador é a apresentação de novas ideias que introduzem modificações em todo um contexto social, porque, apesar dos conceitos filosóficos, há um forte apelo à ação devido aos temas tratados. Há uma recriação do real que tem possibilidade de provocar o efeito de sentido no sujeito receptor.

Na intercalação de “foi dito” e “vos digo” – associado a “verdade” e “porém/mas” – há um efeito de sentido no aspecto de novidade quanto ao que será dito que, no mínimo, pode provocar interesse do enunciatário, especialmente por ter caráter de oposição expresso no “porém/mas”. Podemos inferir que está implícita no padrão de repetição uma interação de valores interpretativos que são recriados a partir do confronto. As três versões trabalham com o mesmo padrão, variando os termos que podem produzir diferentes recepções que irão depender do repertório do enunciatário. Almeida possivelmente terá melhor recepção para leitores cujo repertório é focalizado em construções conservadoras, como, por exemplo, o uso de “vós”, “vos”, enquanto a NVI e a Linguagem de hoje utilizam termos mais comuns para o leitor moderno, que está mais acostumado com o uso de “vocês” e “lhes”.

Associados ao jogo de palavras e ideias que se repetem, de forma intercalada, que cria oposição, outros aspectos figurativos estão presentes no texto, que apresentamos nos esquemas a seguir com algumas observações.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
[...] até que o céu e a terra passem, <i>nem um i ou um til jamais passará</i> da Lei, até que tudo se cumpra. (18)	Enquanto existirem céus e terra, <i>de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço</i> , até que tudo se cumpra.	[...] enquanto o céu e a terra durarem, <i>nada será tirado da Lei - nem a menor letra, nem qualquer acento</i> . E assim será até o fim de todas as coisas.
Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que <i>dos menores</i> , e assim ensinar aos homens, será <i>considerado mínimo</i> no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será <i>considerado grande</i> no reino dos céus. (19)	Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que <i>dos menores</i> , e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será <i>chamado menor</i> no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será <i>chamado grande</i> no Reino dos céus.	Portanto, qualquer um que desobedecer <i>ao menor</i> mandamento e ensinar os outros a fazerem o mesmo será <i>considerado o menor</i> no Reino do Céu. Por outro lado, quem obedecer à Lei e ensinar os outros a fazerem o mesmo será <i>considerado grande</i> no Reino do Céu.

No verso 18, no capítulo 5 de Mateus, a hipérbole “*nem um i ou um til jamais passará da Lei*”, associada aos elementos que constituem a frase no seu todo, produz um efeito de radicalização, reforçada pela informação de que a durabilidade é incalculável – enquanto existir céu e terra. A NVI e a Linguagem de Hoje utilizam termos semelhantes, que não apelam para modificação de sentido, no que tange a essa figura. Porém, a Linguagem de Hoje faz uma modificação de fechamento da ideia que modifica o que foi apresentado nas duas outras versões. Se nas duas primeiras versões o final do verso reafirma a respeito do cumprimento da Lei, a Linguagem de Hoje, ao optar por “E assim será até o fim de todas as coisas”, retoma

o que foi dito no começo do verso, reforçando a ideia de fim daquilo que é visível e que faz parte do universo existencial do enunciatário. Ao apelar para a realidade existencial e colocá-la em condição de fim, o enunciador dá sinais do caráter intencional do discurso: existe uma sentença sobre a humanidade, nesse caso representada pelo enunciatário.

O verso 19 dá continuidade à ideia inserida no verso anterior, apelando para uma resposta do enunciatário. Como no início de nossa análise, percebemos a intenção de ensinar e de tornar o enunciatário participante do mesmo universo de sentido. Isso é perceptível no jogo de palavras “*considerado mínimo/ considerado grande*”, “*chamado menor/ chamado grande*” e “*considerado o menor/ considerado grande*”. Essas antíteses apresentam a recompensa, aderir representa ser “considerado” – recompensa parcial – ou ser “chamado” – recompensa total. A NVI opta por esta expressão, imprimindo maior força de convencimento.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Se o teu <i>olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti</i> ; (29)	Se o seu <i>olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora.</i>	Portanto, se o seu <i>olho direito faz com que você peque, arranque-o e jogue-o fora.</i>
E, se a tua <i>mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti</i> ; (30)	E se a sua <i>mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora.</i>	Se a sua <i>mão direita faz com que você peque, corte-a e jogue-a fora.</i>

A atribuição de uma ação a uma parte isolada do corpo, nesse caso “olho” e “mão”, como figura, fornece o que chamamos de personificação, que é seguida por uma hipérbole nos termos “arranca-o/corta-a” ou “arranque-o/corte-a”. Em especial, o uso de “direito/direita” nos permite a busca de entendimento no saber do enunciatário e do enunciador. Em outras passagens bíblicas, o termo “destra”<sup>100</sup> / “direita” é usado,

<sup>100</sup> Mão direita. Palavra usada com uma figura de linguagem, para indicar habilidade poder ou autoridade, intimidade, lugar de honra próxima de alguém. – Dicionário Bíblico on line, 2011.

muitas vezes, para se referir a bênção<sup>101</sup> ou pureza<sup>102</sup>. O efeito de sentido aqui retoma a figura do sal. Se parafrasearmos, considerando o repertório implícito de enunciatário/enunciador, teríamos como resultado possível algo semelhante a “se o que, em vocês, deveria ser puro e abençoado estiver contribuindo para o contrário, elimine isso da sua vida”. A variação entre as versões é pequena contribuindo mais para aproximação do enunciado ao repertório do leitor nas versões mais modernas – NVI e Linguagem de Hoje.

A personificação aparece ainda em outras partes do decorrer do discurso. O próximo esquema mostra forte preferência por essa figura, no capítulo 6.

Almeida	NVI	Linguagem de Hoje
Tu, porém, ao dares a esmola, <i>ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita</i> ; (3)	que <i>a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita</i> ,	[...] quando ajudar alguma pessoa necessitada, faça isso de tal modo que nem mesmo o seu amigo mais íntimo fique sabendo [...]
onde está o teu tesouro, aí <i>estará também o teu coração</i> . (21)	Pois onde estiver o seu tesouro, aí também <i>estará o seu coração</i> .	Pois onde estiverem as suas riquezas, aí <i>estará o coração</i> de vocês.
Se os <i>teus olhos forem bons</i> , todo o teu corpo será luminoso; (22)	Se os <i>seus olhos forem bons</i> , todo o seu corpo será cheio de luz.	quando os <i>olhos de vocês são bons</i> , todo o seu corpo fica cheio de luz.
Considerai como crescem os <i>lírios do campo</i> : eles não trabalham, nem fiam. [...] nem Salomão [...] se <i>vestiu como qualquer deles</i> . (28,29)	Vejam como crescem os <i>lírios do campo</i> . Eles não trabalham nem tecem. [...] nem Salomão, em todo o seu esplendor, <i>vestiu-se como um deles</i> .	Vejam como crescem as <i>flores do campo</i> : elas não trabalham, nem fazem roupas para si mesmas. [...] nem mesmo Salomão [...] <i>usava roupas tão bonitas como essas flores</i> .

<sup>101</sup> Gênesis 48.14.

<sup>102</sup> Levítico 8.25.

Esses versos apresentam forte carga poética. Por meio da personificação a mão pode ignorar e fazer algo para ajudar alguém; ao coração é dado estar em qualquer parte que não seja na caixa torácica; aos olhos o sentimento de bondade e aos lírios a capacidade de usar vestimenta. Além de produzir um efeito de deslumbramento poético, também leva o enunciador a uma reflexão que dificilmente conduziria para uma não aceitação imediata. O conteúdo exige análise profunda do enunciatário, mas o resultado esperado está voltado para o que vem sendo trabalhado desde o início do texto: tornar-se participante de um reino que apresenta sua soberania de forma transcendental, porém requer dos seus seguidores atitudes no mundo real. Isso é reforçado no capítulo 7, versos 16 a 20, que, novamente de forma figurada, apresenta as atitudes humanas como “frutos” produzidos, sendo esses a identificação da adesão do discurso. Também na metáfora da “porta larga” ou “porta estreita”, dos versos 13 e 14, apelam para a escolha do enunciatário a partir de elementos que são intrínsecos à maneira de viver dentro do seu contexto social.

A riqueza da linguagem figurativa no texto analisado, o apelo constante ao repertório do enunciatário e o aspecto de autoridade do enunciador nas linhas do discurso produzem uma imensa carga simbólica que não se esgota em uma tentativa de busca do sentido. Há material para um aprofundamento, que esperamos dar continuidade em nossas pesquisas. A análise empreendida nos permite elaborar algumas considerações que poderão servir de diretriz para novos empreendimentos interpretativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas muitas leituras que já foram feitas em *O Sermão do Monte* há de se encontrar pontos comuns, mas, quando se trata do pensamento linguístico, percebemos “[...] a inexistência de um itinerário único e obrigatório.” (Charaudeau, 2009, p. 15). E, se considerarmos que “[...] há tantos percursos históricos quantos forem os sujeitos que teorizam” (2009, p. 15), vamos então concluir que cada ato de linguagem nos permitirá sempre novas leituras, utilizando novos parâmetros ou reestruturando o que temos. A pergunta sempre estará em nós, mas não encerramos em uma resposta e, sim, em novas perguntas. No que diz respeito ao ensino, cabe ao professor de língua portuguesa o desafio de conduzir seus alunos pelos novos contornos de forma a desenvolver a capacidade de compreensão, diminuindo a porcentagem dos que foram classificados até aqui como analfabetos funcionais.

Escolher como *corpus* um texto provocador, complexo e de pouca aceitação em nosso momento histórico, por si só já encontra obstáculos. Empreender uma interpretação de texto é descobrir possibilidades, que podem ou não servir de parâmetro para filosofia de vida e, conseqüentemente, ações. Se para uns o texto em questão representa uma “receita de vida”, para outros não passa de um texto literário que deve apenas proporcionar prazer em sua leitura e na descoberta dos seus múltiplos sentidos. Seja qual for a direção do leitor, há de ser respeitado o limite de possibilidades interpretativas com base nas construções frásicas. Nesse aspecto, percebemos que a força da linguagem figurativa pode intensificar ou minimizar o efeito de sentido, sem, contudo, fazer sentido se tomada isoladamente. Em todo o processo da análise, a retomada dos elementos em torno da figura foi de fundamental importância para não apenas verificar o sentido figurativo como também perceber que figura evocava. Algumas figuras, em relação com os termos – adjetivos, substantivos, artigos etc. -, eram definidas a partir da relação de dependência.

Percebemos, em nossa análise, que procurar o que está implícito dentro da construção histórica do discurso é fundamental para compreender a tecitura textual

com suas estruturas. As imagens que são produzidas nessas estruturas promovem mais reflexão do que orientações práticas que sejam apresentadas de forma direta, sem uso da figuração. Surgem daí questões sobre como a linguagem figurada pode contribuir para a perpetuação de textos por serem eles fonte de prazer para o leitor.

A linguagem, mais do que ser portadora de elementos que proporcionam prazer em determinadas manifestações, também exerce função fundamental no processo de convencimento, que por sua vez determina os rumos do viver em sociedade. Para dominar a linguagem é preciso dominar o pensamento, porque ambos conduzem os valores sociais a serem adotados. A discussão sobre os efeitos de uso da língua padrão ou popular é de longa data e talvez ainda não tenhamos elementos suficientes para saber qual a medida exata para utilização dos recursos de retórica para produzir o convencimento do interlocutor. As versões contempladas nessa análise contribuem para a percepção de que não basta modificar os termos para facilitar a descoberta do sentido, é preciso ir além do texto utilizando o próprio texto. Nesse aspecto, fica claro que o repertório do enunciatário produzirá múltiplos sentidos, ainda mais por ser um discurso estrategicamente construído para encontrar destinatários múltiplos.<sup>103</sup>

As versões bíblicas tentam minimizar as distâncias entre leitor e texto, mas percebemos que nem sempre utilizar a linguagem do cotidiano é suficiente para produzir sentido. Exemplo disso está na versão na Linguagem de Hoje, quando substitui o termo justiça por “fazer a vontade de Deus”, pode parecer lógico para o estudioso da Bíblia que todos saibam qual é a vontade de Deus, mas, se o texto se destina ao leitor com menos repertório para compreensão, causa um vazio que pode ser substituído por qualquer explicação. A linguagem foi escolhida para elucidar, mas o discurso que permeia essa linguagem obscurece os sentidos em alguns pontos, deixando lacunas em questões que dificultam a adesão desse enunciatário que não sabe exatamente o que é esperado dele. Essa também é a versão que menos uso faz da expressividade retórica em suas figuras. Nem sempre a eliminação da linguagem figurada serviu como facilitador.

---

<sup>103</sup> Guimarães, 2009: p. 92.

As escolhas linguísticas podem contribuir para um efeito de aproximação ou distanciamento do leitor, mas, se há interesse em aproximar-se do discurso produzido em um determinado momento histórico, é preciso mais do que mudar termos, porque as mudanças acarretam mudanças de sentido. Também não podemos ignorar que a produção de sentido na época do discurso e toda a carga cultural envolvida fazem da recepção, se não totalmente diferente, ao menos um pouco distante.

Há um anseio humano por discutir sua existência e sua relação com o mundo que o cerca e, nesse sentido, as três versões encontrarão um sujeito disposto a buscar um sentido, ainda que permeado por simbolismos. As versões NVI e Linguagem de Hoje reforçam a intenção do enunciador por escolhas que possuem um status favorável no repertório do enunciatário. Exemplo disso é a opção feita pela NVI ao descrever as palavras de Jesus em afirmação de sua autoridade ao utilizar “Eu lhe garanto que”. Nesse caso, não está em jogo somente a necessidade de compreensão, também há um apelo para uma identificação do enunciatário com o enunciador.

Para efeito de adesão, as figuras de linguagem, por si só, não garantem o resultado. O processo de análise confirmou o que mantivemos como nossa base teórica: o ato de linguagem, a intencionalidade, a rede de relação entre os signos, o repertório e o momento histórico atuam conjuntamente para produção de sentido, e esse sentido não é estático, vai se renovar na medida em que se renovam os parceiros de comunicação. Uma coisa dita em outras palavras, em outro momento histórico, já não é a mesma coisa, porque os valores e a linguagem mudam, assim como os demais elementos da comunicação se revestem de novos contornos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 1999.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. 17. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981, pp. 87-97.

BÍBLIA DO PEREGRINO. Tradução de Ivo Storniolo e José Bertoline. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA online. 1999/2010. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acesso em: 14 mar. 2010

*BÍBLIA SAGRADA: Nova Tradução na Linguagem de Hoje.* Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

*BÍBLIA SAGRADA: Nova Versão Internacional.* Tradução da Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

*BÍBLIA SAGRADA: Revista e atualizada no Brasil.* Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso.* 2. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As figuras de linguagem.* São Paulo: Ática, 1989.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar.* São Paulo: Contexto, 2010.

MUCCI, Latuf Isaias. *E-Dicionário de Termos Literários.* Portugal: Carlos Ceia, 2005.  
Disponível em:  
[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=910&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=910&Itemid=2). Acesso em: 13 mai. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização.* São Paulo : Contexto, 2009.

COENEN, Lothar & BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. [trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez]. São Paulo: Paulinas, 2001.

Dicionário Bíblico online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/dicionario/?acao=pesquisar&procurar=m%E1cula&exata=on&link=bol&lang=pt-BR>>. Acesso em: 18 mai. 2011.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Portugal: Priberam, 2010. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=religião>. Acesso em: 13 nov. 2010.

Disciple's Study BIBLE – New International Version. Nashville: Holman Bible Publishers, 1988.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 17. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2002.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

EKDAHL, Elizabeth Muriel. *Versões da Bíblia – Por que tantas diferenças?* São Paulo: Vida Nova, 1993.

FIORIN, J. Luiz. *Linguagem e ideologia*. 4. ed. São Paulo : Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

HOUAISS, Antônio. Dicionário HOUAISS de Língua Portuguesa – versão online. São Paulo: UOL, [20??]. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

IBOPE. *INAF Brasil 2009: Indicador de Alfabetismo Funcional – principais resultados*. São Paulo:, 2009. Disponível em [http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio\\_inaf\\_2009.pdf](http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio_inaf_2009.pdf). Acesso em: 25 abr. 2011.

LINS, Talitha Myrian. *Guia Prático de Tradução*. Belo Horizonte: Betânia, 2004.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1993.

MANOSSO, Radamés. *Elementos de Retórica*. Disponível em: <<http://radames.manosso.nom.br/retorica/metafora.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

MEYER, Michel. *A retórica*. Trad. Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996, pp. 239-262

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Jornalismo em QUADRINHOS. *Revista LÍNGUA Portuguesa*. São Paulo, Ano II, n. 22, 2007.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Portugal: ASA, 1993.

PIRES-DE-MELO, José Geraldo. *Figuras de estilo*. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2001.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. 2. ed. São Paulo: Forense, 1972.

ROHDEN, Luiz. *O poder da linguagem: A arte retórica de Aristóteles*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1997.

SEIBERT, Erní Walter. *Fórum de Ciências Bíblicas. Vol. 1: Historiografia das traduções da Bíblia para o português*. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.

Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2010, Disponível em: <http://www.sbb.org.br/interna.asp?areaID=3>. Acesso em: 10 dez. 2010.

STOTT, John R. W. *Contracultura cristã – A Mensagem do Sermão do Monte*. 2. ed. São Paulo: ABU, 1981.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

WIKIPÉDIA – A enciclopédia livre. Portugal, 2009. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_Antiga)>. Acesso em: 16 nov. 2010.

## ANEXO A - TEXTOS DAS VERSÕES UTILIZADAS NA PESQUISA

### João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada

Mateus 5:1 - Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos;

Mateus 5:2 e ele passou a ensiná-los, dizendo:

Mateus 5:3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Mateus 5:4 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Mateus 5:5 Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Mateus 5:6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Mateus 5:7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Mateus 5:8 Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Mateus 5:9 Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Mateus 5:10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Mateus 5:11 Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós.

Mateus 5:12 Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

Mateus 5:13 Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.

Mateus 5:14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte;

Mateus 5:15 nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.

Mateus 5:16 Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

Mateus 5:17 Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.

Mateus 5:18 Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.

Mateus 5:19 Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus.

Mateus 5:20 Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

Mateus 5:21 Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.

Mateus 5:22 Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.

Mateus 5:23 Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,

Mateus 5:24 deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.

Mateus 5:25 Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.

Mateus 5:26 Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Mateus 5:27 Ouvistes que foi dito: Não adulterarás.

Mateus 5:28 Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.

Mateus 5:29 Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.

Mateus 5:30 E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.

Mateus 5:31 Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.

Mateus 5:32 Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério.

Mateus 5:33 Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.

Mateus 5:34 Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus;

Mateus 5:35 nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei;

Mateus 5:36 nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto.

Mateus 5:37 Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.

Mateus 5:38 Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente.

Mateus 5:39 Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;

Mateus 5:40 e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.

Mateus 5:41 Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.

Mateus 5:42 Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

Mateus 5:43 Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.

Mateus 5:44 Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;



Mateus 5:45 para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos.

Mateus 5:46 Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?

Mateus 5:47 E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?

Mateus 5:48 Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

Mateus 6:1 Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.

Mateus 6:2 Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

Mateus 6:3 Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita;

Mateus 6:4 para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Mateus 6:5 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

Mateus 6:6 Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Mateus 6:7 E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos.

Mateus 6:8 Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.

Mateus 6:9 Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;

Mateus 6:10 venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;

Mateus 6:11 o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;

Mateus 6:12 e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;

Mateus 6:13 e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]!

Mateus 6:14 Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;

Mateus 6:15 se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

Mateus 6:16 Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.

Mateus 6:17 Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto,

Mateus 6:18 com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Mateus 6:19 Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;

Mateus 6:20 mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam;

Mateus 6:21 porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

Mateus 6:22 São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso;

Mateus 6:23 se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!

Mateus 6:24 Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

Mateus 6:25 Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?

Mateus 6:26 Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?

Mateus 6:27 Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?

Mateus 6:28 E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam.

Mateus 6:29 Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Mateus 6:30 Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

Mateus 6:31 Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?

Mateus 6:32 Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas;

Mateus 6:33 buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Mateus 6:34 Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

Mateus 7:1 Não julgueis, para que não sejais julgados.

Mateus 7:2 Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

Mateus 7:3 Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?

Mateus 7:4 Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?

Mateus 7:5 Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

Mateus 7:6 Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.

Mateus 7:7 Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

Mateus 7:8 Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.

Mateus 7:9 Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?

Mateus 7:10 Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?

Mateus 7:11 Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?

Mateus 7:12 Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

Mateus 7:13 Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela),

Mateus 7:14 porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

Mateus 7:15 Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.

Mateus 7:16 Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?

Mateus 7:17 Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.

Mateus 7:18 Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.

Mateus 7:19 Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

Mateus 7:20 Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

Mateus 7:21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Mateus 7:22 Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?

Mateus 7:23 Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Mateus 7:24 Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha;

Mateus 7:25 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

Mateus 7:26 E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia;

Mateus 7:27 e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

Mateus 7:28 Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;

Mateus 7:29 porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

## Nova Versão Internacional

Mateus 5:1 Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele,

Mateus 5:2 e ele começou a ensiná-los, dizendo:

Mateus 5:3 “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.

Mateus 5:4 Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.

Mateus 5:5 Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.

Mateus 5:6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.

Mateus 5:7 Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.

Mateus 5:8 Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus.

Mateus 5:9 Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.

Mateus 5:10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.

Mateus 5:11 “Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês.

Mateus 5:12 Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

Mateus 5:13 “Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.

Mateus 5:14 “Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

Mateus 5:15 E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa.

Mateus 5:16 Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.

Mateus 5:17 “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir.

Mateus 5:18 Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra.

Mateus 5:19 Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.

Mateus 5:20 Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.

Mateus 5:21 “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’.

Mateus 5:22 Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno.

Mateus 5:23 “Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você,

Mateus 5:24 deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta.

Mateus 5:25 “Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão.

Mateus 5:26 Eu lhe garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo.

Mateus 5:27 “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’.

Mateus 5:28 Mas eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.

Mateus 5:29 Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno.

Mateus 5:30 E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno.

Mateus 5:31 “Foi dito: ‘Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’.

Mateus 5:32 Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.

Mateus 5:33 “Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor’.

Mateus 5:34 Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus;

Mateus 5:35 nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.

Mateus 5:36 E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo.

Mateus 5:37 Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do Maligno.

Mateus 5:38 “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’.

Mateus 5:39 Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.

Mateus 5:40 E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa.

Mateus 5:41 Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas.

Mateus 5:42 Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado.

Mateus 5:43 “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’.

Mateus 5:44 Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem,

Mateus 5:45 para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.

Mateus 5:46 Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso!

Mateus 5:47 E se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!

Mateus 5:48 Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.

Mateus 6:1 “Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial.

Mateus 6:2 “Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa.

Mateus 6:3 Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita,

Mateus 6:4 de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará.

Mateus 6:5 “E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa.

Mateus 6:6 Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.

Mateus 6:7 E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos.

Mateus 6:8 Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem.

Mateus 6:9 Vocês, orem assim: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome.

Mateus 6:10 Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

Mateus 6:11 Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.

Mateus 6:12 Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.

Mateus 6:13 E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Mateus 6:14 Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará.

Mateus 6:15 Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.

Mateus 6:16 “Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa.

Mateus 6:17 Ao jejuar, arrume o cabelo e lave o rosto,

Mateus 6:18 para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê em secreto. E seu Pai, que vê em secreto, o recompensará.

Mateus 6:19 “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam.

Mateus 6:20 Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam.

Mateus 6:21 Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

Mateus 6:22 “Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz.

Mateus 6:23 Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!

Mateus 6:24 “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro.

Mateus 6:25 “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa?

Mateus 6:26 Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?

Mateus 6:27 Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?

Mateus 6:28 “Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem.

Mateus 6:29 Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles.

Mateus 6:30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?

Mateus 6:31 Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’

Mateus 6:32 Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas.

Mateus 6:33 Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas.

Mateus 6:34 Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.

Mateus 7:1 “Não julguem, para que vocês não sejam julgados.

Mateus 7:2 Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.

Mateus 7:3 “Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?

Mateus 7:4 Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu?

Mateus 7:5 Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.

Mateus 7:6 “Não dêem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão.

Mateus 7:7 “Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta.

Mateus 7:8 Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta.

Mateus 7:9 “Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra?

Mateus 7:10 Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra?

Mateus 7:11 Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhes pedirem!

Mateus 7:12 Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.

Mateus 7:13 “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela.

Mateus 7:14 Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.

Mateus 7:15 “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.

Mateus 7:16 Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?

Mateus 7:17 Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins.

Mateus 7:18 A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons.

Mateus 7:19 Toda árvore que não produz frutos bons é cortada e lançada ao fogo.

Mateus 7:20 Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!

Mateus 7:21 “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.

Mateus 7:22 Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’

Mateus 7:23 Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!

Mateus 7:24 “Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha.

Mateus 7:25 Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha.

Mateus 7:26 Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia.

Mateus 7:27 Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda”.

Mateus 7:28 Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino,

Mateus 7:29 porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei.



## Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Mateus 5:1 Quando Jesus viu aquelas multidões, subiu um monte e sentou-se. Os seus discípulos chegaram perto dele,

Mateus 5:2 e ele começou a ensiná-los. Jesus disse:

Mateus 5:3 - Felizes as pessoas que sabem que são espiritualmente pobres, pois o Reino do Céu é delas.

Mateus 5:4 - Felizes as pessoas que choram, pois Deus as consolará.

Mateus 5:5 - Felizes as pessoas humildes, pois receberão o que Deus tem prometido.

Mateus 5:6 - Felizes as pessoas que têm fome e sede de fazer a vontade de Deus, pois ele as deixará completamente satisfeitas.

Mateus 5:7 - Felizes as pessoas que têm misericórdia dos outros, pois Deus terá misericórdia delas.

Mateus 5:8 - Felizes as pessoas que têm o coração puro, pois elas verão a Deus.

Mateus 5:9 - Felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos.

Mateus 5:10 - Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, pois o Reino do Céu é delas.

Mateus 5:11 - Felizes são vocês quando os insultam, perseguem e dizem todo tipo de calúnia contra vocês por serem meus seguidores.

Mateus 5:12 Fiquem alegres e felizes, pois uma grande recompensa está guardada no céu para vocês. Porque foi assim mesmo que perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

Mateus 5:13 - Vocês são o sal para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam.

Mateus 5:14 - Vocês são a luz para o mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.

Mateus 5:15 Ninguém acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto. Pelo contrário, ela é colocada no lugar próprio para que ilumine todos os que estão na casa.

Mateus 5:16 Assim também a luz de vocês deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que vocês fazem e louvem o Pai de vocês, que está no céu.

Mateus 5:17 - Não pensem que eu vim para acabar com a Lei de Moisés ou com os ensinamentos dos Profetas. Não vim para acabar com eles, mas para dar o seu sentido completo.

Mateus 5:18 Eu afirmo a vocês que isto é verdade: enquanto o céu e a terra durarem, nada será tirado da Lei - nem a menor letra, nem qualquer acento. E assim será até o fim de todas as coisas.

Mateus 5:19 Portanto, qualquer um que desobedecer ao menor mandamento e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado o menor no Reino do Céu. Por outro lado, quem obedecer à Lei e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado grande no Reino do Céu.

Mateus 5:20 Pois eu afirmo a vocês que só entrarão no Reino do Céu se forem mais fiéis em fazer a vontade de Deus do que os mestres da Lei e os fariseus.

Mateus 5:21 - Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: "Não mate. Quem matar será julgado."

Mateus 5:22 Mas eu lhes digo que qualquer um que ficar com raiva do seu irmão será julgado. Quem disser ao seu irmão: "Você não vale nada" será julgado pelo tribunal. E quem chamar o seu irmão de idiota estará em perigo de ir para o fogo do inferno.

Mateus 5:23 Portanto, se você estiver oferecendo no altar a sua oferta a Deus e lembrar que o seu irmão tem alguma queixa contra você,

Mateus 5:24 deixe a sua oferta ali, na frente do altar, e vá logo fazer as pazes com o seu irmão. Depois volte e ofereça a sua oferta a Deus.

Mateus 5:25 - Se alguém fizer uma acusação contra você e levá-lo ao tribunal, entre em acordo com essa pessoa enquanto ainda é tempo, antes de chegarem lá. Porque, depois de chegarem ao tribunal, você será entregue ao juiz, o juiz o entregará ao carcereiro, e você será jogado na cadeia.

Mateus 5:26 Eu afirmo a você que isto é verdade: você não sairá dali enquanto não pagar a multa toda.

Mateus 5:27 - Vocês ouviram o que foi dito: "Não cometa adultério."

Mateus 5:28 Mas eu lhes digo: quem olhar para uma mulher e desejar possuí-la já cometeu adultério no seu coração.

Mateus 5:29 Portanto, se o seu olho direito faz com que você peque, arranque-o e jogue-o fora. Pois é melhor perder uma parte do seu corpo do que o corpo inteiro ser atirado no inferno.

Mateus 5:30 Se a sua mão direita faz com que você peque, corte-a e jogue-a fora. Pois é melhor perder uma parte do seu corpo do que o corpo inteiro ir para o inferno.

Mateus 5:31 - Foi dito também: "Quem mandar a sua esposa embora deverá dar a ela um documento de divórcio."

Mateus 5:32 Mas eu lhes digo: todo homem que mandar a sua esposa embora, a não ser em caso de adultério, será culpado de fazer com que ela se torne adúltera, se ela casar de novo. E o homem que casar com ela também cometerá adultério.

Mateus 5:33 - Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: "Não quebre a sua promessa, mas cumpra o que você jurou ao Senhor que ia fazer."

Mateus 5:34 Mas eu lhes digo: não jurem de jeito nenhum. Não jurem pelo céu, pois é o trono de Deus;

Mateus 5:35 nem pela terra, pois é o estrado onde ele descansa os seus pés; nem por Jerusalém, pois é a cidade do grande Rei.

Mateus 5:36 Não jurem nem mesmo pela sua cabeça, pois vocês não podem fazer com que um só fio dos seus cabelos fique branco ou preto.

Mateus 5:37 Que o "sim" de vocês seja sim, e o "não", não, pois qualquer coisa a mais que disserem vem do Maligno.

Mateus 5:38 - Vocês ouviram o que foi dito: "Olho por olho, dente por dente."

Mateus 5:39 Mas eu lhes digo: não se vinguem dos que fazem mal a vocês. Se alguém lhe der um tapa na cara, vire o outro lado para ele bater também.

Mateus 5:40 Se alguém processar você para tomar a sua túnica, deixe que leve também a capa.

Mateus 5:41 Se um dos soldados estrangeiros forçá-lo a carregar uma carga um quilômetro, carregue-a dois quilômetros.

Mateus 5:42 Se alguém lhe pedir alguma coisa, dê; e, se alguém lhe pedir emprestado, empreste.

Mateus 5:43 - Vocês ouviram o que foi dito: "Ame os seus amigos e odeie os seus inimigos."

Mateus 5:44 Mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem pelos que perseguem vocês,

Mateus 5:45 para que vocês se tornem filhos do Pai de vocês, que está no céu. Porque ele faz com que o sol brilhe sobre os bons e sobre os maus e dá chuvas tanto para os que fazem o bem como para os que fazem o mal.

Mateus 5:46 Se vocês amam somente aqueles que os amam, por que esperam que Deus lhes dê alguma recompensa? Até os cobradores de impostos amam as pessoas que os amam!

Mateus 5:47 Se vocês falam somente com os seus amigos, o que é que estão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso!

Mateus 5:48 Portanto, sejam perfeitos em amor, assim como é perfeito o Pai de vocês, que está no céu.

Mateus 6:1 - Tenham o cuidado de não praticarem os seus deveres religiosos em público a fim de serem vistos pelos outros. Se vocês agirem assim, não receberão nenhuma recompensa do Pai de vocês, que está no céu.

Mateus 6:2 - Quando você der alguma coisa a uma pessoa necessitada, não fique contando o que fez, como os hipócritas fazem nas sinagogas e nas ruas. Eles fazem isso para serem elogiados pelos outros. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa.

Mateus 6:3 Mas você, quando ajudar alguma pessoa necessitada, faça isso de tal modo que nem mesmo o seu amigo mais íntimo fique sabendo do que você fez.

Mateus 6:4 Isso deve ficar em segredo; e o seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará a recompensa.

Mateus 6:5 - Quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos outros. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa.

Mateus 6:6 Mas você, quando orar, vá para o seu quarto, feche a porta e ore ao seu Pai, que não pode ser visto. E o seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará a recompensa.

Mateus 6:7 - Nas suas orações, não fiquem repetindo o que vocês já disseram, como fazem os pagãos. Eles pensam que Deus os ouvirá porque fazem orações compridas.

Mateus 6:8 Não sejam como eles, pois, antes de vocês pedirem, o Pai de vocês já sabe o que vocês precisam.

Mateus 6:9 Portanto, orem assim: "Pai nosso, que estás no céu, que todos reconheçam que o teu nome é santo.

Mateus 6:10 Venha o teu Reino. Que a tua vontade seja feita aqui na terra como é feita no céu!

Mateus 6:11 Dá-nos hoje o alimento que precisamos.

Mateus 6:12 Perdoa as nossas ofensas como também nós perdoamos as pessoas que nos ofenderam.

Mateus 6:13 E não deixes que sejamos tentados, mas livra-nos do mal. [Pois teu é o Reino, o poder e a glória, para sempre. Amém!]"

Mateus 6:14 - Porque, se vocês perdoarem as pessoas que ofenderem vocês, o Pai de vocês, que está no céu, também perdoará vocês.

Mateus 6:15 Mas, se não perdoarem essas pessoas, o Pai de vocês também não perdoará as ofensas de vocês.

Mateus 6:16 - Quando vocês jejuarem, não façam uma cara triste como fazem os hipócritas, pois eles fazem isso para todos saberem que eles estão jejuando. Eu afirmo a vocês que isto é verdade: eles já receberam a sua recompensa.

Mateus 6:17 Mas você, quando jejuar, lave o rosto e penteie o cabelo

Mateus 6:18 para os outros não saberem que você está jejuando. E somente o seu Pai, que não pode ser visto, saberá que você está jejuando. E o seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará a recompensa.

Mateus 6:19 - Não ajuntem riquezas aqui na terra, onde as traças e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam.

Mateus 6:20 Pelo contrário, ajuntem riquezas no céu, onde as traças e a ferrugem não podem destruí-las, e os ladrões não podem arrombar e roubá-las.

Mateus 6:21 Pois onde estiverem as suas riquezas, aí estará o coração de vocês.

Mateus 6:22 - Os olhos são como uma luz para o corpo: quando os olhos de vocês são bons, todo o seu corpo fica cheio de luz.

Mateus 6:23 Porém, se os seus olhos forem maus, o seu corpo ficará cheio de escuridão. Assim, se a luz que está em você virar escuridão, como será terrível essa escuridão!

Mateus 6:24 - Um escravo não pode servir a dois donos ao mesmo tempo, pois vai rejeitar um e preferir o outro; ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e também servir ao dinheiro.

Mateus 6:25 - Por isso eu digo a vocês: não se preocupem com a comida e com a bebida que precisam para viver nem com a roupa que precisam para se vestir. Afinal, será que a vida não é mais importante do que a comida? E será que o corpo não é mais importante do que as roupas?

Mateus 6:26 Vejam os passarinhos que voam pelo céu: eles não semeiam, não colhem, nem guardam comida em depósitos. No entanto, o Pai de vocês, que está no céu, dá de comer a eles. Será que vocês não valem muito mais do que os passarinhos?

Mateus 6:27 E nenhum de vocês pode encompridar a sua vida, por mais que se preocupe com isso.

Mateus 6:28 - E por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem as flores do campo: elas não trabalham, nem fazem roupas para si mesmas.

Mateus 6:29 Mas eu afirmo a vocês que nem mesmo Salomão, sendo tão rico, usava roupas tão bonitas como essas flores.

Mateus 6:30 É Deus quem veste a erva do campo, que hoje dá flor e amanhã desaparece, queimada no forno. Então é claro que ele vestirá também vocês, que têm uma fé tão pequena!

Mateus 6:31 Portanto, não fiquem preocupados, perguntando: "Onde é que vamos arranjar comida?" ou "Onde é que vamos arranjar bebida?" ou "Onde é que vamos arranjar roupas?"

Mateus 6:32 Pois os pagãos é que estão sempre procurando essas coisas. O Pai de vocês, que está no céu, sabe que vocês precisam de tudo isso.

Mateus 6:33 Portanto, ponham em primeiro lugar na sua vida o Reino de Deus e aquilo que Deus quer, e ele lhes dará todas essas coisas.

Mateus 6:34 Por isso, não fiquem preocupados com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã trará as suas próprias preocupações. Para cada dia bastam as suas próprias dificuldades.

Mateus 7:1 - Não julguem os outros para vocês não serem julgados por Deus.

Mateus 7:2 Porque Deus julgará vocês do mesmo modo que vocês julgarem os outros e usará com vocês a mesma medida que vocês usarem para medir os outros.

Mateus 7:3 Por que é que você vê o cisco que está no olho do seu irmão e não repara na trave de madeira que está no seu próprio olho?

Mateus 7:4 Como é que você pode dizer ao seu irmão: "Me deixe tirar esse cisco do seu olho", quando você está com uma trave no seu próprio olho?

Mateus 7:5 Hipócrita! Tire primeiro a trave que está no seu olho e então poderá ver bem para tirar o cisco que está no olho do seu irmão.

Mateus 7:6 - Não dêem para os cachorros o que é sagrado, pois eles se virarão contra vocês e os atacam; não joguem as suas pérolas para os porcos, pois eles as pisarão.

Mateus 7:7 - Peçam e vocês receberão; procurem e vocês acharão; batam, e a porta será aberta para vocês.

Mateus 7:8 Porque todos aqueles que pedem recebem; aqueles que procuram acham; e a porta será aberta para quem bate.

Mateus 7:9 Por acaso algum de vocês, que é pai, será capaz de dar uma pedra ao seu filho, quando ele pede pão?

Mateus 7:10 Ou lhe dará uma cobra, quando ele pede um peixe?

Mateus 7:11 Vocês, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o Pai de vocês, que está no céu, dará coisas boas aos que lhe pedirem!

Mateus 7:12 - Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês; pois isso é o que querem dizer a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas.

Mateus 7:13 - Entrem pela porta estreita porque a porta larga e o caminho fácil levam para o inferno, e há muitas pessoas que andam por esse caminho.

Mateus 7:14 A porta estreita e o caminho difícil levam para a vida, e poucas pessoas encontram esse caminho.

Mateus 7:15 - Cuidado com os falsos profetas! Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos selvagens.

Mateus 7:16 Vocês os conhecerão pelo que eles fazem. Os espinheiros não dão uvas, e os pés de urtiga não dão figos.

Mateus 7:17 Assim, toda árvore boa dá frutas boas, e a árvore que não presta dá frutas ruins.

Mateus 7:18 A árvore boa não pode dar frutas ruins, e a árvore que não presta não pode dar frutas boas.

Mateus 7:19 Toda árvore que não dá frutas boas é cortada e jogada no fogo.

Mateus 7:20 Portanto, vocês conhecerão os falsos profetas pelas coisas que eles fazem.

Mateus 7:21 - Não é toda pessoa que me chama de "Senhor, Senhor" que entrará no Reino do Céu, mas somente quem faz a vontade do meu Pai, que está no céu.

Mateus 7:22 Quando aquele dia chegar, muitas pessoas vão me dizer: "Senhor, Senhor, pelo poder do seu nome anunciamos a mensagem de Deus e pelo seu nome expulsamos demônios e fizemos muitos milagres!"

Mateus 7:23 Então eu direi claramente a essas pessoas: "Eu nunca conheci vocês! Afastem-se de mim, vocês que só fazem o mal!"

Mateus 7:24 - Quem ouve esses meus ensinamentos e vive de acordo com eles é como um homem sábio que construiu a sua casa na rocha.

Mateus 7:25 Caiu a chuva, vieram as enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Porém ela não caiu porque havia sido construída na rocha.

Mateus 7:26 - Quem ouve esses meus ensinamentos e não vive de acordo com eles é como um homem sem juízo que construiu a sua casa na areia.

Mateus 7:27 Caiu a chuva, vieram as enchentes, e o vento soprou com força contra aquela casa. Ela caiu e ficou totalmente destruída.

Mateus 7:28 Quando Jesus acabou de falar, as multidões estavam admiradas com a sua maneira de ensinar.

Mateus 7:29 Ele não era como os mestres da Lei; pelo contrário, ensinava com a autoridade dele mesmo.

BÍBLIA online. 1999/2010. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acesso em: 14 mar. 2010